

O SANTO SOLDADO

Pacificador, Bandeirante, Amansador de Índios,
Civilizador dos Sertões, Apóstolo da Humanidade,
Uma leitura de Rondon conta sua vida, de
Esther de Viveiros

Antonio Carlos de Souza Lima

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Rio de Janeiro

1990

Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social
Museu Nacional - UFRJ

Capa e Diagramação:

Jussara Gomes Gruber

Datilografia:

Yedda Ennes

Supervisão Geral:

Tania Soares e Antonio Carlos de Souza Lima

Publicado com os recursos do Convênio da Fundação Ford nº
840-0709-2

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	6
A BIOGRAFIA COMO GÊNERO	10
RONDON CONTA SUA VIDA: LEITURA CRÍTICA DE UMA HAGIOGRAFIA POSITIVISTA	21
Quem conta um conto...	21
Aos pés da Deusa, com o ouvido no Santo	26
O texto	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
APÊNDICE I	42
APÊNDICE II	47
APÊNDICE III	51

O SANTO SOLDADO

Pacificador, Bandeirante, Amansador de Índios, Civilizador dos Sertões, Apóstolo da Humanidade, Uma leitura de Rondon conta sua vida de Esther de Viveiros.¹

Antonio Carlos de Souza Lima²

¹ Este exercício foi apresentado como trabalho final de curso ao seminário ministrado pelos Professores Luiz de Castro Faria e Afrânio Raul Garcia Jr., sob a rubrica de História do Pensamento Social Brasileiro, no 1º semestre de 1987, tendo sido entregue para avaliação em fevereiro de 1988. Acha-se diretamente relacionado à utilização sistemática de uma "folha de trabalho" concebida pelos professores para retenção de dados sobre as trajetórias sociais dos autores/atores considerados, a partir de textos biográficos sobre os mesmos. Salvo pela introdução desta explicação, de algumas frases na Apresentação e expansão de referências bibliográficas, de um parágrafo final, da última nota do texto e das epígrafes, não sofreu alterações desde então.

² Professor Assistente I. Setor de Etnologia e Etnografia/Departamento de Antropologia - Museu Nacional. Doutorando em Antropologia Social/PPGAS. Co-coordenador do Projeto Estudo sobre Terras Indígenas no Brasil (PETI).

“Live by the foma [harmless untruths] that make
you brave and kind and healthy and happy”

The books of Bokonon 1,5
(CAT’S CRADLE, Kurt Vonnegut, Jr.)

“Quem dará um nome novo à Criança imperatriz?
Nem tu, nem eu, nem elfo, nem ogro
Poderá alguém salvar-lhe? Diz!
Livrar-nos do mal ninguém pode.
Nem tampouco nos curar.
Somos apenas personagens de um livro.
E cumprimos o que o autor destinar.
Da história figura e sonho
É tudo o que precisamos.
Não podemos, portanto criar algo novo
Sábio, Criança ou Rei que sejamos.
Mas do outro lado, além da fantasia,
Existe um reino, um mundo exterior,
De grande riqueza, de um povo moradia.
Que de outra missão é cumpridor.
Os filhos de Adão, justo é o nome
Dos habitantes da Terra.
Os filhos de Eva, a raça dos homens,
Cujo o sangue a palavra encerra.
Desde os primórdios possuem todos
O dom de as coisas nomear.
E à imperatriz Criança, em tempos outros
Podiam eles vida e nome dar.”

(“A voz do Silêncio”, em A HISTÓRIA SEM FIM, Max
Ende)

APRESENTAÇÃO

A idéia inicial deste trabalho era realizar um estudo da trajetória social de Cândido Mariano da Silva Rondon como inserido na categoria de "engenheiro-militar", trabalho que encontrava algum suporte em partes de minha dissertação de mestrado (LIMA, 1985:162-65; 413-38). Naquela pesquisa, utilizando informações constantes em artigo de Walnice Nogueira Galvão (1984) sobre a trajetória de Euclides da Cunha, colega de turma de Cândido M. da S. Rondon³, procurei relacionar os condicionantes de uma formação escolar específica com certas tomadas de posição intelectuais e políticas.

O intento inicial logo se esvaiu, talvez "vacinado" pelas críticas à dissertação, talvez em função de uma idéia do Professor Castro Faria - também meu orientador de doutorado - no sentido de trabalhar a biografia escrita por Esther de Viveiros, e arrolada no programa do curso para o qual este exercício se produziu, como se fora uma gesta;⁴ mas, em especial, frente a uma ficha tentativamente preparada para ser aplicada a biografias e reter, sobretudo, elementos para a análise de trajetórias sociais⁵. Foi, destarte, no sentido de contribuir para um maior nível de controle metodológico sobre o instrumento que procurei não tratar o agente escolhido a partir de sua formação escolar, logo não a trajetória em co-relação com uma temática específica, mas sim o texto biográfico em si.

Tal idéia se sedimentou em função de determinantes que atendem tanto aos meus interesses pessoais de pesquisa quanto a leituras desenvolvidas para outros fins.

³ As informações de Galvão são, em última instância provenientes do texto de Jehovah Motta intitulado Formação Oficial do Exército. Currículos e regimes na Academia Militar, 1810-1944, Rio de Janeiro, Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1976.

⁴ Para a definição de gesta com que estou lidando, ver o seu sentido dicionarizado em HOLLANDA, 1975:685.

⁵ "A proposta do curso é colocar em relação as trajetórias sociais e intelectuais de autores reconhecidos como clássicos e suas publicações, problemáticas e instrumental utilizado. Para tanto fará uso tanto de textos de biografias e autobiografias como dos livros que apresentam os pensamentos dos autores." (FARIA, Luiz de Castro & GARCIA Jr., Afrânio Raul. "Objetivos". Curso MNA-710/810 História do Pensamento Social no Brasil (AS) ou MNA-738/838 Sociologia da Produção Intelectual (S). Rio de Janeiro, PPGAS/MN-UFRJ, 1º sem/1987).

No primeiro caso está a percepção de que mais importante para o conhecimento do chamado indigenismo,⁶ é aprofundar a análise da "mitologia" construída em torno de Cândido Mariano da Silva Rondon, seus produtores, gestores, consumidores, beneficiários, e elementos constitutivos. Ao mesmo tempo, está clara a noção da inviabilidade de enfrentar a tarefa da construção da trajetória do ator e seu suposto: a construção do sistema de posições ao qual está remetida,⁷ tal significando ir bem mais além daquilo que já seria excepcionalmente trabalhoso (matéria para uma equipe e bons anos de trabalho), isto é, a reconstituição da história das principais "escolas" existentes no Brasil daquele momento, de suas relações, das disposições que inculcavam etc. Além do que, como se procurará mostrar adiante, a biografia em questão fornece parco material para um exercício de natureza sociológica, o que só poderia ser feito à custa de um temerário e precipitado trabalho de "invenção teórica" a partir de regularidades preconcebidas.

No segundo caso estão as leituras que desenvolvi em função de outro trabalho⁸ e que se juntaram a preocupações relativas a parte de minhas atividades como integrante do Projeto Estudo sobre Terras Indígenas no Brasil (PETI), mais especificamente à constituição de uma cronologia de ação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Tais leituras propõem pensar a produção historiográfica enquanto texto, destacando seu caráter narrativo, procurando retomar este problema para além da discussão já clássica na historiografia contemporânea entre o que Furet (1976:49-63) chamou de história-

⁶ Defino indigenismo "... como um conjunto de idéias (e ideais) relativos à incorporação de povos indígenas a Estados-Nações"; e política indigenista como "... quaisquer medidas tomadas pelo Estado através de decisões em diferentes níveis de sua estrutura material, que direta ou indiretamente afetem os povos indígenas", não se devendo supor que do primeiro decorra a segunda. Estas definições se acham melhor contextualizadas em texto no prelo pela University of Texas Press, como parte de coletânea organizada por Greg Urban e Joel Sherzer (Nation-States and Indians in Latin-America), intitulado "on indigenism and nationality in Brazil". Tratam-se de definições provisórias, é claro.

⁷ Cf. BOURDIEU, 1986:72,

⁸ Refiro-me ao trabalho intitulado "A Antropologia dos Relatórios de Identificação de Terras Indígenas da Fundação Nacional do Índio: Contrafação, Paródia ou Reflexo?", por mim apresentado a curso ministrado pelo Dr. Otávio Guilherme Velho, no PPGAS/Museu Nacional, parte do qual - não aquela a que me refiro aqui - foi publicada no nº 14 desta mesma série, com o título de "A identificação como categoria histórica".

narrativa e história-problema, oposição que sob outra forma se acha há bastante tempo colocada para os historiadores.⁹

As leituras mais especificamente remetidas à historiografia juntaram-se os artigos do volume intitulado "L'illusion biographique" das Actes de la Recherche en Sciences Sociales (nº 62/63:69-72, Juin), em particular do que intitula o volume, de autoria de Pierre Bourdieu. Referir-me-ei a este material mais detidamente, abaixo.

Um outro ponto importante foi o fato de ter à minha disposição (fruto da pesquisa para LIMA, 1985) um levantamento de relatos biográficos sobre Rondon, a fórmula abreviada sendo a mítica. O conjunto levantado permite reinserir o texto de Viveiros em uma cadeia de outros símiles, fazendo ressaltar sua especificidade - a primeira vista, o fato de ser um relato construído a partir dos diários do próprio Rondon e, narrado na primeira pessoa, sendo possível tomá-lo como uma "autobiografia"¹⁰ - por outro lado, apresentando o quanto não traz novidades em relação a um mapa pré-dado em outros textos que o precederam.

É mister dizer que no texto de Viveiros inexistem referências a outros relatos, quando a consulta a um levantamento, ainda que não exaustivo, demonstra a existência de ao menos 11 textos precedentes (ver Apêndice I). Afirma-se, assim, como fonte dos textos posteriores, constituindo-se como referência obrigatória, na medida em que se produziu supostamente a partir do próprio biografado.

Meu objetivo não é, porem, estabelecer um estudo comparado das versões sobre a "mitologia rondoniana", mas isto sim, pensar o que representa especificamente este texto.

Minha hipótese principal é de que se trata não de uma gesta, embora sem dúvida seja uma narrativa de feitos heróicos, mas de uma hagiografia: Rondon conta sua vida relata a existência do que é um santo na visão do positivismo ortodoxo brasileiro, alguém que seguiu exemplarmente o dogma básico da Religião da Humanidade - "O Amor por Princípio, a Ordem por Base, o Progresso por Fim". Alguém que venerando a

⁹ Cf. LEFEBVRE, 1981:187. O livro foi pela primeira vez publicado na França em 1971, e informações constantes do texto nos dizem que é oriundo de anotações de curso ministrado pelo autor, na Sorbonne, nos anos de 1945-46.

¹⁰ A especificidade reivindicada para o texto, veremos, ser ele baseado nos "diários de Rondon" e ter sido construído em diálogo com o autor.

Mulher, serviu à Humanidade ao servir sobretudo à Pátria (intermediário necessário entre o indivíduo e o "Ser Supremo") sendo o elo entre os dois estabelecido pela Família, sempre citada ao longo do texto.

Veremos, adiante, como Viveiros, ao apresentar Rondon como predestinado, por seu pai, ao "serviço da Deusa" (via devotamento absoluto à sua "Terra") dá o talhe imprescindível ao herói e ao santo: a escolha que transcende a vontade do sujeito. Claro está que é uma predestinação de outra ordem, pois lidamos com a mística positivista.

Em que medida Cândido Mariano da Silva Rondon introjetou os dogmas da Religião da Humanidade, ou em que medida o personagem Rondon é total e completamente apartado de seu suporte objetivo, constituindo-se no que seria uma representação distorcida? São perguntas que não me coloco por não me parecerem conduzir senão a um beco sem saída, devendo ser afastadas pela própria opção que se toma de considerar a mitologia e não a trajetória social.

Por outro lado, a forma de tratamento sugerida pelo texto de Bourdieu nos faz pensar no relato como explicitação de uma constância, de uma lógica, que acaba por se constituir numa "ideologia de si". Desta maneira as questões acima se tornam irrelevantes, devendo ser recolocadas por outras tantas indagações relativas às relações entre biógrafo e biografado, os limites do "dizível" em um relato sobre si, determinados em grande medida pelo mercado a que se apresenta, bem como pela possível intenção consciente que se pode fazer vigir na trajetória recontada. Estas e outras questões serão melhor exploradas abaixo.

Desde já gostaria de declarar o que me parece o "pé-de-barro" fundamental da presente proposta: para uma leitura mais densa do texto de Viveiros seria importante um melhor conhecimento dos ditames da Religião da Humanidade. Isto seria viável se me tivesse sido possível reler parte, e ler o que restava a ser lido da totalidade do Catecismo Positivista, de Augusto Comte, texto que tudo indica ter sido aquele de maior difusão entre os positivistas ortodoxos, e que é referido mais de uma vez ao longo da narrativa.¹¹

¹¹ Para alguns estudos acerca do positivismo ortodoxo não engajados com a "seita", ver NACHMAN, 1972; CARVALHO, 1990, este em especial no que tange ao imaginário político. Quanto a como deste imaginário se pensava o "problema indígena", ver LEITE, 1987 e FREIRE, 1990:108 e ss.

De fato, se quisermos inferir um tanto, em Rondon conta sua vida mantém-se o "padrão narrativo" do Catecismo: trata-se de um homem que conta verdades a uma mulher (conquanto esta não apareça na narrativa, nem ela se faça em termos de diálogo) Mais adiante se apontará como o prefaciador constrói a relação entre biógrafo e biografado em termos de excepcionalidades

Mais importante, no entanto, seria apontar como a vulgata positivista perpassa muitas das opiniões, dos enfoques e das decisões apresentadas pelo personagem Rondon, em especial a "recusa da política" característica fundamental do discurso rondoniano. Também isto estará melhor explicitado a seguir.

Antes, porém, de começarmos a trabalhar mais decididamente quero registrar que o levantamento dos relatos sobre a vida de Rondon foram primeiramente feitos por Jurandyr Carvalho Ferrari Leite, no contexto referido acima, e, mais recentemente - completando a coleta do material propriamente dito -, por Clério Alves Batista. A ambos agradeço o excelente trabalho realizado.

I. A BIOGRAFIA COMO GÊNERO

"A escolha relativa do historiador é feita, apenas, entre uma história que ensina mais e explica menos e uma história que explica mais e ensina menos. A história biográfica e anedótica, que está bem embaixo na escala, é uma história fraca, que não contém sua própria inteligibilidade e, só quando transportada, em bloco, para dentro de uma história mais forte do que ela, é que lhe advém essa inteligibilidade. Contudo, estaríamos enganados se acreditássemos que esses encaixes reconstituem, progressivamente, uma história total, pois, o que se ganha de um lado, perde-se do outro. A história biográfica e anedótica é a menos explicativa, mas a mais rica do ponto de vista da informação, já que considera os indivíduos nas suas particularidades e detalha, para cada um deles, as nuances do caráter, a sinuosidade de seus motivos, as etapas de sua deliberação. Essa informação é esquematizada depois abolida,

quando se passa a histórias cada vez mais fortes." (LÉVI-STRAUSS, apud VEYNE, 1982:17-18).

A longa citação acima, encontrada entre aspas no texto de Paul Veyne e sem referência precisa, pertence a Lévi-Strauss¹² e foi escolhida por considerar uma forma de ver e de utilizar os relatos biográficos que seria importante colocar em pauta para uma discussão fundamental: a que limites atendem estes relatos e, em que medida podem ser utilizados enquanto fontes "objetivas" de informação sobre a trajetória social dos biografados?

A oposição entre uma história biográfica e anedótica, menos explicativa, e menos instrutiva, rica em dados objetivos, porque conta fatos (supostamente) acontecidos, e uma história menos instrutiva porém mais explicativa, portanto menos rica em informações que são aí apresentadas de forma esquemática, parece se constituir numa linha de cisão mais característica da historiografia aos olhos dos próprios historiadores, como se encontra em Veyne, mas também de outra forma, em Furet, como citado acima.

Se tomarmos a questão do ângulo da história da historiografia veremos como Georges Lefebvre (situando a produção de biografias como característica dos "humanistas italianos") relega ao passado a existência do gênero, o que não deixa de ser hierarquização, já que seria em períodos mais próximos que se poderia ver delineada a "verdadeira" história. Não é à toa que se refere de forma bastante próxima à de Veyne, embora publicada pela Primeira vez no mesmo ano (1971):

"... as biografias dos humanistas, embora interessantes como fontes, estão muito longe de poderem ser consideradas como obras de história. Em qualquer caso, nunca constituíram uma história da civilização.

Quando estes humanistas contam a história de certos pintores não pensam em classificá-los pelo estilo ou pela

¹² O trecho junta, antepondo, partes do capítulo final de O Pensamento Selvagem, de Claude Lévi-Strauss (2ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976) situadas às páginas 297 e 298, num modo muito pouco "ortodoxo" de citação.

escola: consideram-nos individualmente; a partir destas biografias nunca conseguiram fazer uma história das artes.”
(LEFEBVRE, 1981: 76)

O que se pode deduzir de ambos os trechos embora percebendo o teor altamente crítico do texto de Veyne (e o de Lévi-Strauss) e as diferenças significativas em relação as posições de Lefebvre - é que a "história biográfica", rubrica em que podem ser agrupadas tanto as biografias quanto as autobiografias, se constitui em fonte privilegiada de informações (logo como ponto de partida para outras análises) exatamente por carecer de critérios plenamente explicitados e reconhecíveis para construção dos dados que apresenta. Isto permitiria por de lado a distinção entre o historiador profissional que escreve biografias (tão frequentes na produção, principalmente de finais do século passado e inícios do presente), e o biógrafo "profissional", literato por excelência. Afasta-se assim, ao menos no que se refere ao estabelecimento de fontes para a pesquisa, a própria discussão sobre o teor narrativo da História.

Teríamos, então, reinstaurada uma visão bastante inocente (e positivista) da produção de conhecimentos em História, porta aberta para se inserirem outras tantas prenoções, como a da maior veracidade, riqueza e qualidade das informações quanto menor a distância social entre biógrafo e biografado. Contrariamente à idéia de que o "fato se conquista, constrói, comprova" (BOURDIEU, CHAMBOREDON & PASSERON, 1986:25), ter-se-ia, aqui, afirmado o empirismo mais ingênuo, que toma os procedimentos metodológicos de construção do objeto como conspurcação da "realidade", como se esta fosse passível de ser colhida tal como flores ou frutos em jardins e pomares.

Afastada pelo historiador, a biografia é ao mesmo tempo, objeto de sedução intensa, na medida em que é investida de tão elevada carga positiva, no que se refere aos dados que congrega.

Parece-me que, neste sentido, a biografia enquanto gênero historiográfico, e as histórias de vida nas Ciências Sociais guardam uma certa homologia quanto a como são percebidas por seus produtores.

É assim que Daniel Bertaux (1981:1-3) aponta como as estórias de vida¹³ sofreram avaliações bastante diferentes dentro das Ciências Sociais, ao longo deste século. Desde o clássico de W.I. Thomas e F. Znaniecki (The Polish Peasant in Europe and America, 1918) e a avaliação altamente positiva do seu uso,¹⁴ até o abandono total pela Sociologia, hoje retomada sob o ângulo da "história oral".

A utilização ampla que a Antropologia sempre fez desta técnica colocou muitas vezes a discussão entre Sociologia e Antropologia no plano das oposições entre os "métodos quantitativos" e o questionário de um lado, e os "métodos qualitativos", com a "entrevista aberta" e a "história de vida" do oposto. Uma das indagações básicas deste tipo de tratamento do problema era exatamente sobre a objetividade dos dados colhidos, a possibilidade de quantificá-los tornando-os passíveis de inserção em um quadro explicativo mais definido e abrangente.

Os dados obtidos através de entrevistas e histórias de vida configurariam o material dos "estudos de caso", por excelência mais densos, mais ricos, porém pontuais, "fracos" no sentido de sua possibilidade de generalização.¹⁵

A aparência, no entanto, de um certo consenso quanto à riqueza dos dados fornecidos pela coleta de biografias não nos deve iludir. Assim, de uma perspectiva bastante distinta de certos "metodologismos" vulgares, e em texto particularmente rico quanto a procedimentos relativos aos relatos biográficos, Michael Pollack e Nathalie Heinich diriam que

“... la méthode bioaraphiaue en sciéences sociales a donné lieu aux résultats les plus probants lorsqu’ elle a été appliquée aux fnénomènes de l’acculturation, de l’immigration et des rapports interethniques, et aux moments, forts du changement social et économique - chaque fois donc qu’un groupe social doit s’adapter à un contexte nouveau et redéfinir son identité et ses raoports avec d’autres groupes.” (POLLACK & HEINICH, 1986:3)

¹³ Para a distinção que Bertaux faz entre "história de vida" e "estória de vida", ver BERTAUX, 1981:7-9, nota 1.

¹⁴ Sobre a importância, desde Florian Znaniecki, das "historias de vida" nas Ciências Sociais polonesas ver BERTAUX, 1981:2-3.

E, adiante, mais especificamente sobre os dados disponíveis acerca dos campos de concentração

"Les entretiens d'histoire orale et les écrits autobiographiques sont, de tous les matériaux, Les plus riches en informations. Ils peuvent nous renseigner sur les modes d'adaptation à ce contexte en rupture avec le monde habituel."(POLLACK & HEINICH, 1986:11)

Relacionando diretamente o uso do método a situações de ruptura e desvio, e destacando, para o caso dos testemunhos sobre os campos de concentração, sua função de reconstrução da identidade (p. 4), colocam, assim, a questão das condições sociais de produção do testemunho. É neste sentido que os autores destacam a diferença de sua problemática face aos procedimentos do historiador na busca da veracidade - quer via comparação dos relatos com documentos quer com outros relatos - e conseqüente estabelecimento do falso, sendo seu objetivo antes que tomar de saída os fatos contidos nos relatos, tratar primeiramente estes relatos através de uma análise sociológica capaz de, ao estabelecer diferenças entre o que poderia ser uma categoria de início homogênea (os testemunhos, ou os relatos, as biografias), reintegrar os dados neles contidos nos seus contextos específicos de produção, nada descartando por lhes atribuir sentidos distintos e relativos.

Algumas idéias apresentadas por Pollack e Heinich encontram-se melhor explicitadas no texto de Pierre Bourdieu que dá nome ao volume da revista (BOURDIEU, 1986).

Partindo da crítica à noção de história de vida enquanto categoria do senso comum, Bourdieu procura desvendar a teoria implícita que torna possível a percepção do conjunto de eventos associados a uma existência individualizada enquanto sucessão de acontecimentos históricos, dotada de um princípio, um meio, e um fim, isto é submissa a uma ordem que é cronológica. Desta forma, há um ponto de partida e intenções originais que se explicam e se organizam em etapas sucessivas a partir de

¹⁵ Para uma crítica exemplar a esta visão, ver BOURDIEU; CHAMBOREDON & PASSERON, 1986:

relações inteligíveis, se tomadas do "alvo", "meta", finalidade última apresentada em todo relato biográfico.

Para tanto é fundamental perceber a cumplicidade básica entre biógrafo e biografado tanto em compartilharem o que chama de "postulado do sentido da existência" (p. 69), quanto a níveis mais próprios à formação do biógrafo. Esta cumplicidade permite a seleção, em função do "sentido último", de fatos específicos ao longo da vida individual, sua articulação através de causas ou fins, configurando o que se poderia chamar de uma ideologia de si mesmo.¹⁶

De fato, a percepção comum da vida enquanto "unidade e como totalidade" (P. 70) encontraria na realidade social fortes mecanismos de suporte, instituições de totalização e unificação que partem do suposto da assimilação entre normalidade e identidade, que passa a ser sinônimo de "constância de si mesmo, de um ser responsável, quer dizer previsível ou, ao menos, inteligível à maneira de uma história bem construída" (P. 70)

Dentre estes, Bourdieu identifica os ritos batismais, os atos relativos à imposição do nome próprio e sua forma de autenticação jurídica, a assinatura:

“Le nom propre est l’attestation visible de l’identité de son porteur à travers les temps et l’ Les espaces sociaux, le fondement de l’unité de ses manifestations successives et de la possibilité socialement reconnue de totaliser ces manifestations dans des enregistrements officiels, curriculum vitae, cursus honorum, casier judiciaire, nécrologie ou biographie que constituent la vie en totalité finie par le verdict porté sur un bilan provisoire ou définitif. ‘Désignateur rigide’, le nom propre est la forme par excellence de l’imposition arbitraire qu’opèrent les rites d’institution: la nomination et la classification introduisent des divisions tranchées, absolues, indifférentes aux particularités circonstanciées et aux accidents individuels, dans le flou et le flux des réalités biologiques et sociales.” (BOURDIEU, 1986:70)

A longa citação inclui a biografia dentre estes mecanismos de totalização, que se aproximaria tanto mais das formas mais oficializadas de apresentação de si (carteira de identidade, *curriculum vitae*, ou biografia oficialmente sancionada) quanto maior fosse a proximidade dos inquéritos oficiais, dentre os quais situa, como limites, o inquérito judiciário policial. Ao mesmo tempo, se afastaria da "lógica da confiança", passível de vigência em mercados fechados e controlados.

Também aos relatos biográficos (quer sob a forma de biografias ou autobiografias, quer sob a forma de depoimentos orais) se aplicariam as mesmas determinações que a "produção de discursos na relação entre um *habitus* e um mercado" (P. 71), isto significando que as características sociais de mercado a que são destinados influirá em termos de forma e de conteúdo.

A compreensão dos mecanismos sociais de constituição de relatos biográficos não é, para Bourdieu, um fim em si mesmo, mas uma das vias de acesso para construção da noção de "trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço ele mesmo em devir e submetido a incessantes transformações" (P. 71).

Como dito na apresentação, não é minha intenção trabalhar sobre a trajetória de Cândido Mariano da Silva Rondon, mas sim, ao inserir o texto de Viveiros em uma listagem de outros relatos biográficos sobre Rondon, averiguar qual sua especificidade e sentido, colocando em questão os limites à obtenção de dados para uma análise futura da trajetória deste agente.

Se as questões colocadas por Bourdieu abrangem os "relatos de vida" em geral, se as por Pollack e Heinich, tratando dos testemunhos de ex-internadas no campo de Auschwitz Birkenau, abrangem tanto material produzido em entrevistas, quanto em textos escritos, desde depoimentos oficiais até autobiografias, passando por peças teatrais e romances, aqui se trata de um relato sob a forma escrita, uma biografia que se apresenta narrada na primeira pessoa e estruturada aparentemente por um eixo única e exclusivamente cronológico.¹⁷

Neste sentido caberia retomar um aspecto mencionado anteriormente mas não desenvolvido, qual seja a relação entre biografia e narrativa, o que, como Kohli

¹⁶ Sobre estes pontos e como Kohli toma a autobiografia, ver KOHLI, 1981:65.

¹⁷ Para a distinção entre textos biográficos e autobiográficos, ver KOHLI, 1981:62-63.

(1981:67) aponta, implica recorrer a conhecimentos provenientes da Lingüística e da Literatura, ou se quisermos, da Retórica.

Em texto bastante sugestivo, White (1980:5) propõe tomar a narrativa como "a solution to a problem of general human concern, namely, the problem of how to translate knowing into telling",¹⁸ forma de enunciação em que a objetividade se estabelece pela ausência de um narrador, em que o "real" se conta a si próprio. Nada, porém, mais imaginário pois, como sublinha White, o "real" é e não se conta. Assim, a distinção entre esses dois registros – real e imaginário – parece essencial:

"Such a fiction [a de que os eventos reais pudessem 'se contar' – ACSL] I would have posed no problems before the distinction between real and imaginary events was imposed upon the storyteller; storytelling becomes a problem only after two orders of events dispose themselves before him as possible components of his stories and his story telling is compelled to exfoliate under the injunction to keep the two orders unmixed in his discourse. What we call 'mythic' narrative is under no obligation to keep the two orders of events distinct from one another. Narrative becomes a problem only when we wish to give to real events the form of story. It is because real events do not offer themselves, as stories that their narrativization is so difficult." (WHITE, 1980:8)

White se indaga sobre qual seria o desejo gratificado pela busca de uma "história verdadeira" sob o emaranhado disperso dos registros disponíveis acerca do passado, e sua apresentação na forma coerente de uma estória, propondo que aí residiria o sentido cultural do "discurso narrativisante": a narração e a narratividade seriam os veículos para equacionamento no plano discursivo, das demandas conflitantes do Imaginário transformando o Real em objeto de desejo através da imposição aos eventos de uma

¹⁸ Cf. também WHITE, 1979; 1984 e 1985.

lógica e de uma coerência possuídas apenas pelas estórias suprindo a realidade com aquilo que lhe falta.¹⁹

Ao apresentar um mundo passado, terminado, a narrativa histórica forneceria, ainda, um sentido de fechamento, de conclusão, do qual poder-se-ia depreender uma estrutura subjacente, uma trama ordenadora, sugestão da presença do ideal. Dai a necessidade da ênfase no caráter de descoberta da investigação histórica, e a recusa contemporânea da "filosofia da história" enquanto modalidade historiográfica, em que os eventos meramente se dispõem em torno de uma trama central, ela sim centro da narrativa e da explicação:

“... in the plot of the philosophy of history, the various plots of the various histories which tell us of merely regional happenings in the past are revealed for what, they really are: images of the authority which summons us to participation in a moral universe that, but for its story form, would have no appeal at all.

(...) The demand for closure in the historical story is a demand, I suggest, for moral meaning, a demand that sequences of real events be assessed as to their significance as elements of a moral drama.” (WHITE, 1980:24)

Este aspecto moralizante é um ponto importante de ser retido para a leitura crítica do texto de Viveiros.

Em direção paralela, embora com menos riqueza conceitual e mais superficialmente, Kohli procura tomar as autobiografias como narrativas. Citando Labov e Waletzky, Kohli (1981:67) aponta o que seriam as duas principais funções da narrativa, a referencial e a avaliativa, a primeira implicando na "descrição de eventos passados em sua ordem temporal", e a segunda no referenciamento dos eventos narrados ao presente e sua significação para os participantes da situação em que a narrativa está se dando. Os autores citados por Kohli enfatizam especificamente a função referencial, o que para Kohli implicaria em reduzir o sentido das narrativas, já

¹⁹ Para a relação entre história e a supressão do que 'falta', ver CERTEAU, 1982:93.

que elas "sempre contêm um elemento presente" (ibidem), pois a vinculação entre eventos passados e contexto presente se dá em função do significado da narração na atualidade.

Para Kohli, a contribuição básica da teoria literária estaria em tomar as autobiografias (o que pode ser estendido, mais obviamente, para as biografias) enquanto textos:

"Social scientists tend to read autobiographies in terms of a more or less successful 'mirroring' of life processes. (...) It is not adequate to describe autobiographies as being the outcome of a process of objectivation, in which the content (that which is being referred to) is realized by a 'form', and thus is bound to the conditions of the formal realization. The formal schemata are not simply instruments for the transport of referential contents; they define the possibilities by which contents can be constituted." (KOHLI, 1981:67-68)

Caminhando na mesma direção que Bourdieu, quando este fala da construção de uma ideologia de si, e de Pollack & Heinich, quando estes apontam o papel de reelaboração da identidade que o testemunho tem por vezes, Kohli mostra como a teoria literária destaca a "estrutura basicamente reconstrutiva das autobiografias" (p. 68), cujo limite seria exatamente o caso apontado por Pollack & Heinich, isto é a (re-)constituição de um "eu social".

Se quisermos ir ainda mais além, podemos fazer como Bruner, apoiando-se em Gérard Genette, e procurar os elementos-chave presentes em toda (auto)biografia, na medida em que se constitui em uma narrativa. Estes elementos seriam a estória, o discurso e o contar (telling):²⁰

"The story is the abstract sequence of events, systematically related, the syntagmatic structure. Discourse is the text in which the story is manifested, the statement in a particular medium such as a novel, myth, lecture, film,

²⁰ Traduzi telling por "o contar" para não confundir com a narração.

conversation, or whatever. Telling is the action, the act of narrating, the communicative process that produces the story in discourse. No distinction is made here between telling and showing, as the same story may be recounted or enacted or both.”¹¹ (BRUNER, 1986: 145)

Antes de passar à leitura propriamente dita, conviria sistematizar algumas idéias alinhavadas acima, como forma de se colher subsídios para pensar os relatos biográficos enquanto fonte de informação.

O primeiro ponto a relativizar uma riqueza pressuposta de dados seria a postura que leva a tomar a biografia enquanto produto socialmente determinado, condicionado às leis do mercado a que se destina sua produção, do sistema de relações em que seu produtor se insere, sendo a análise sociológica, ainda que precária, instrumento fundamental.

Neste sentido, a relação entre biógrafo e biografado deve receber um destaque especial, procurando-se nela o eixo dessa cumplicidade básica, apontada por Bourdieu, que se suportaria sobre a idéia da existência como dotada de um alvo, de uma meta: ideal inquebrantável, destino final, este eixo conduziria a narrativa através de uma estruturação cronológica, o melhor suporte para a seleção de fatos e dados operados na constituição do texto. Este seria o segundo ponto a acautelar o pesquisador ansioso por tomar um texto biográfico enquanto fonte.

Ao se tratar a (auto)biografia como gênero de discurso narrativo, deve-se atentar para a relação intencionada entre o significado veiculado (ou, se quisermos, a estória que se quer contar), o público destinatário principal, e o sentido moralizante pertinente às narrativas históricas em seu processo de combinação do Real e do Imaginário.

A este terceiro ponto seria conveniente juntar um quarto: o fato de que a mesma estória pode ser contada mais de uma vez, logo, apresentar versões parcialmente distintas.

Vejamos, agora, como estas preocupações permitem compreender certas ausências e ênfases presentes ao texto de Viveiros.

II. RONDON CONTA SUA VIDA: LEITURA CRÍTICA DE UMA HAGIOGRAFIA POSITIVISTA

II.1 Quem conta um conto ...

Nesta primeira parte tenciono inserir o texto de Viveiros na série de trabalhos que se apropriaram da “vida de Rondon” enquanto objeto de discurso. Acham-se livros, pequenos textos, publicações de conferências e até mesmo histórias em quadrinhos, dentre os dez textos que precedem cronologicamente (ver Apêndice nº 1) o de Viveiros, não incluídos os editados no ano de 1958, alguns dos quais citam já o objeto deste trabalho.

O conjunto reunido, abrange vinte e oito textos, se incluída a republicação do de Ribeiro, em 1974, e talvez devesse incluir o capítulo intitulado "A contribuição de Rondon à cultura brasileira", o de número VII, da sétima parte da História do Positivismo no Brasil (São Paulo, Cia, Editora Nacional, 1967. Coleção Brasiliana), de autoria de Ivan Monteiro de Barros Lins. Neste conjunto mais amplo destaca-se a tese de doutoramento de Donald Francis O'Reilly, uma biografia no mais estrito senso do termo.

O primeiro texto a tratar da "vida de Rondon" de autoria do Cel. Alípio Bandeira, um dos correligionários positivistas de Cândido Mariano da Silva Rondon, e dos principais produtores de interpretações e textos de combate sobre e para o SPILTN, ao qual serviu ligado à Inspeção Regional do Amazonas e Acre.²¹ O opúsculo foi editado durante um dos períodos em que o SPI achava-se sob ataque, tendo sido, pela lei orçamentária nº 3.454, de 6 de janeiro de 1918, separado das atribuições relativas à Localização de Trabalhadores Nacionais.

Constitui-se de uma breve apresentação em que se ressaltam os aspectos de "patriotismo", "civismo", "desinteresse pessoal" e "entusiasmo", constitutivos de exemplo inestimável à geração vindoura. Segue-se uma parte intitulada "Traços biográficos do General Rondon", que inclui também um resumo de sua "trajetória profissional" até aquele momento. O resto do texto é uma coletânea de encômios,

²¹ Para um levantamento bastante completo da produção acerca das idéias sobre os índios no Brasil ver LEITE, 1985. Sobre Bandeira ver BANDEIRA, 1979 e também FREIRE, 1990: 123 e ss.

abrangendo desde extratos do livro Missão Rondon,²² até versos de Coelho Neto e referências a premiações oriundas do exterior.

O segundo texto é uma conferência realizada no Uruguai por Ivan Monteiro de Barros Lins, já referido acima. Trata-se, de fato, de uma versão levemente modificada de discurso pronunciado ao receber o então General Rondon como sócio honorário da Associação Brasileira de Educação, em sessão solene a 17/09/1940 (com um mês de antecedência, pois), e publicado em Rumo ao Oeste, pequeno volume contendo a conferência realizada por Rondon no D.I.P., em 3/09/1940, além do discurso supracitado e sua resposta pelo destinatário, Rumo ao Oeste (Rio de Janeiro, Gráfica Laemmert Ltda., 1940) é volume avulso da Biblioteca Militar, editada pelo Ministério da Guerra.

O trabalho de Lins e os de números 3, 4 e 5 devem ser diretamente remetidos ao contexto do Estado Novo em que a figura do General Rondon é reabilitada dentro dos quadros da chamada "Marcha para Oeste".

Quanto ao de Clovis Gusmão pouco obtive. Nenhuma referência ao autor no livro, nenhuma outra publicação do mesmo. A dedicatória, no entanto, é feita ao

“... Cel de Engenheiros Amilcar Botelho de Magalhães, soldado da Grande Marcha e à memória daqueles que tombaram sobre as areias dos chapadões matogrossenses e nas florestas empantanadas do Madeira, ao tempo em que, povoado por índios e feras, o noroeste brasileiro era sinônimo de mistério e de morte.”

A dedicatória a Amilcar Armando Botelho de Magalhães é bastante significativa. Sobrinho de um dos "mestres" reivindicados por Rondon, isto é, de Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Magalhães não só participou da “Comissão

²² O texto intitulado Missão Rondon compunha-se de artigos escritos por Luis Bueno Horta Barbosa, irmão de participantes da "Comissão Rondon", elemento de fundamental importância na estrutura do SPI. Sobre Horta Barbosa, ver LIMA, 1985:348 e ss e FREIRE, 1990:117 e ss.

Rondon” como foi autor de dois textos sobre a mesma.²³ Naquele momento era Secretário do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (do qual Cândido M. da S. Rondon era presidente honorário desde sua criação em 1939) sendo, então, também o provável principal "gestor do mito", já que além de autor do primeiro livro mais expressivo escrito sobre Rondon, seria citado ainda por outro autor.

Sobre o texto de Gusmão é significativo que se ache dividido em três partes intitulado, respectivamente, "A Grande Marcha", "O Rio da Dúvida" e "Fim da Jornada", em que está representada a trajetória das expedições de Rondon, devendo-se ressaltar que aqui se fundem não apenas as representações da vida como transcurso (com princípio meio e fim, tal como Bourdieu chama atenção no caso dos relatos de vida) mas também as relativas à "Marcha para Oeste", idéias que se fundem numa única e mesma marcha.

O texto de Magalhães (o de número 4) parece ser, de longe, a base dos textos que se seguem. Uma leitura exegética permitiria, de certo modo, apontar que nele se acham inseridos todos os dados que seriam apresentados por Viveiros posteriormente, e aqui o são de forma muito mais "objetiva", isto é com muito mais detalhes relativos, por exemplo à relação entre "Comissão Rondon" e Museu Nacional. Profusamente documentado e com muitas transcrições, o texto traz ao seu final uma cópia da "Fé de Ofício do General Cândido Mariano da Silva Rondon. De 1881 a 1930", bem como uma relação de títulos e um pequeno esquema da família de Cândido Rondon em que se incluem seus netos. Há também diversas fotos.

Mais significativo me parece ser apontar que o subtítulo pode ajudar à localização do texto, demonstrando o peso que decerto tinha a imagem de Rondon para o Estado naquele momento: "reliquia", peça rara, de valor sagrado, era também uma prova e um exemplo a se utilizar para um governo que se propunha a implementar a "Marcha para Oeste".

Já o texto de Duarte, ilustrado com desenhos ao modo de uma "história em quadrinhos" destina-se ao público adolescente, e explicita claramente as determinações que outros textos citados encobrem de modo parcial:

²³ Cf. de A.A. Botelho de Magalhães. Pela Comissão Rondon. Rio de Janeiro, 1919, 137 p.; Impressões da Comissão Rondon. Rio de Janeiro, s/ed., 1921, 320 p.; Pelos Sertões do Brasil. Porto Alegre, Livraria

“Fiel ao programa educativo traçado e cumprido desde o seu primeiro número,

‘GLOBO JUVENIL’

colocou entre as suas iniciativas de maior alcance a publicação da vida gloriosa e fecunda do

GENERAL RONDON

Agora que a 'Marcha para Oeste' é a palavra de ordem da reconstrução nacional, a figura do grande brasileiro aparece como um exemplo e um símbolo.

Acolhendo em suas páginas a narrativa dos serviços prestados ao Brasil rejeito General RONDON raro servir à juventude brasileira como exemplo de Patriotismo e de virtudes cívicas, ‘GLOBO JUVENIL’ e o Autor dedicaram-na ao

EXÉRCITO NACIONAL que com tanta dedicação tem servido sempre a nossa pátria, na guerra como na paz.

É pois, em homenagem aos Soldados do Brasil de hontem, de hoje e de amanhã, que este livro é publicado.”

(DUARTE, 1942:5-6)

O livro é dedicado a Rogério Pongetti, que teria inspirado o autor a escrever o livro, e a Roberto Marinho, que patrocinou sua publicação.

Note-se que aqui o subtítulo é o signo explicador básico, e a apropriação de Rondon como "bandeirante" implica num relato inicial sobre as bandeiras na história do Brasil.²⁴

Bem diferente seria a apropriação de Badet, autor francês do qual tampouco obtive maiores informações. Dedicado também ao Cel. Amilcar B. de Magalhães (de quem há inclusive uma foto), e profusamente ilustrado com fotos cedidas pelo CNPI, o texto está inserido dentro da coleção "Histoire et Géographie", das Nouvelles editions Latines, em que estão citados outros trabalhos sobre lugares "distantes e exóticos" (África Equatorial, Madagascar, Martinica, Sahara) ou biografias de vultos como Napoleão e Schliemann, o "descobridor" de Tróia.

do Globo, 1930,450 p .

²⁴ Sobre a figura do "bandeirante" e sua utilização no discurso da chamada 'Marcha para Oeste', ver ESTERCI, 1972.

O livro de Badet toma Rondon, sobretudo, na sua relação com os índios, destacando mais a atividade "indianista" que o "desbravamento dos sertões", apropriação portanto distinta: destinado ao público francês, o apelo se dá exatamente pela figura do 'selvagem' exótico e distante, que um general brasileiro tem o dom de encantar,²⁵ havendo mesmo um capítulo intitulado "Comment on charme les indiens".

Os artigos de Silva e Branco, o do primeiro publicado anteriormente no Jornal do Comercio, tratam, de forma distinta e complementar de dois "aspectos" de Rondon: o General Silva, ex-auxiliar direto de Tasso Fragoso (grande amigo de Cândido Rondon e participante da Comissão da Carta Geral do Brasil) de quem aproxima Rondon, se traça sua "trajetória" no melhor estilo de um mito que já se achava há muito pronto, comparando-o ao bandeirante, identificando-o como "produto da fusão das três raças".²⁶ Na bibliografia do texto estão citados os de A.B. de Magalhães sobre a "Comissão Rondon", sobre Rondon, e os de Bandeira Duarte e Charles [Henri] Badet, afora outros.

O texto do Coronel Firmino Lages Castello Branco foi suscitado pela leitura do artigo de Silva e visa complementá-lo com informações acerca do período em que Cândido M. da Silva Rondon foi Diretor de Engenharia do Exército, e o Coronel, então soldado, servia na mesma diretoria. Encômios e impressões superficiais, que se reduzidos a fatos não são muito diferentes de partes do texto de Viveiros.

O número 8 (oito) da listagem em apêndice é um pequeno opúsculo sobre o qual não foi possível saber nada além de que trata da "vida de Rondon", no período de 1882-1952; que está na Coleção Taunay da Biblioteca do Exército, e poderia ser considerado um pequeno resumo do texto de 1942 (talvez sua atualização), possivelmente parte da campanha de indicação para o Prêmio Nobel da Paz.

Esta campanha foi desencadeada em 1956, sendo o texto de A.J. de Figueiredo produto da adesão do Clube Militar à candidatura de Rondon, texto em que se lida com a antinomia Soldado-Apóstolo da Paz. Contém uma breve descrição da "obra de Rondon", e um mapa do trajeto das linhas telegráficas. Visa, pois, conclamar os membros do Clube em favor da eleição de Rondon, fornecendo endereços para que se enviem telegramas etc.

²⁵ A tradução para encantar é proposital.

²⁶ Cf. LIMA, 1985:208.

O último de que se tratará é a versão em quadrinhos da "vida de Rondon", para a demanda do público infanto-juvenil majoritariamente, retratado como "o último bandeirante". A editora já publicava as séries "Ciência em Quadrinhos", "História da Civilização" e a "Série Sagrada", quando se inaugura, com este volume, a "Coleção GRANDES FIGURAS do Brasil, em quadrinhos". Os outros volumes são Oswaldo Cruz, Tamandaré, Raposo Tavares, Anchieta, Osório, Castro Alves, Machado de Assis, Mauá, D. Pedro II, Alferes Silva Xavier, Visconde de Cairu, Caxias, Rio Branco, Rui Barbosa, Monteiro Lobato, Getúlio Vargas, Pedro Américo, José Bonifácio, Santos Dumont.

A longa descrição dos textos precedentes ao de Viveiros poderia ser concluída - ou abreviada - pela elaboração de um quadro em que se estabelecesse a condição de civil/militar do autor, a nacionalidade, a inclusão/exclusão do seu autor dentre os cultores da Religião da Humanidade, dentre os "companheiros de Rondon", os públicos destinatários, o gênero do texto. Prefiro, no entanto, ficar por aqui: não tenciono reagrupar os textos mencionados e construir uma tipologia pois operei uma leitura exploratória dos trabalhos e creio que um estudo mais detido e que não se preocupasse com o relato de Viveiros, de forma a tomar a globalidade da listagem do Apêndice I, suscitaria outras variáveis classificatórias.

De qualquer maneira cabe destacar que estes trabalhos demonstram já a larga divulgação do nome Rondon e apresentam uma construção bastante cerrada de sua "vida", com certos eventos recorrentemente mencionados e, há que se supor, com supressões já operadas.

Fica, assim, a questão de qual é o ponto que o "conto" de Viveiros aumenta/diminui.

II.2 Aos pés da Deusa, com o ouvido no Santo

Apesar de exploratória, a leitura serviu para demonstrar que os fatos narrados por Viveiros acham-se muitas vezes mais detalhados em textos anteriores que em uma biografia suposta e alegadamente produzida a partir dos diários íntimos e "cadernetas de campo" (para topografia) de Cândido M. da S. Rondon, sendo esta a primeira distinção entre este e os demais trabalhos: enquanto os outros usam como fontes as suas

lembranças pessoais, matérias de jornal, documentos, Rondon conta sua vida foi assumido como composto a partir dos diários de Cândido Mariano da Silva Rondon:

"Vem a lume a vida de Rondon, baseada em seus diários, dos quais era tão cioso, que não havia consentido até então que sobre eles fosse calcada uma biografia sua.

(...)

Assentaram ambos [Viveiros e Rondon] que Rondon passaria a limpo os seus diários, escritos às pressas, a lápis. Esther de Viveiros ditaria e Rondon escreveria, quase tateando. Ficou por tal modo empolgado por esta tarefa que um atraso de cinco minutos levava-o ao telefone para indagar se surgira algum obstáculo ao trabalho daquela tarde.

E assim, aos poucos ai colhendo notas sobre os episódios mais interessantes destes minuciosíssimos diários e condensando-os em capítulos que lia para Rondon, antes de continuar a ditar-lhe. E Rondon inflamava-se, rememorava passagens curiosas, com aquela sua voz de timbre inesquecível, feliz, remoçado." (VIVEIROS, 7958: Da Orelha)

O processo todo teria durado 8 meses e Viveiros teria obtido que o biografado ouvisse todo o trabalho, antes de ser enviado ao prelo. A confecção do texto deve ter decorrido ao longo do ano de 1956, pois encontra-se reproduzida no volume uma carta de agradecimento de Cândido Rondon a Esther de Viveiros, datada de 14/01/1957, lavrada nos seguintes termos:

"Muitas vezes já vos agradei de viva voz o trabalho que, com tanta dedicação e carinho, realizastes a meu lado, transcrevendo em admirável forma literária fatos e recordações de minha vida; desejo, entretanto, nesta carta demonstrar com maior calor e afeto a minha gratidão.

Durante oito meses de convívio quase diário, admirei sem cessar não só vossos dotes de inteligência, como as qualidades de coração que vos levaram a desempenhar, junto a um ancião tolhido pela cegueira o papel da mais dedicada das filhas.

Que os Leitores do vosso livro vejam nele não só as passagens da minha longa existência, mas também a mão hábil da escritora que com tanto entusiasmo o redigiu.” (VIVEIROS, 1958:5)

Sobre os diários e seu uso Viveiros diria ao final (1958:626. Grifos ACSL):

“Não desejo encerrar este trabalho sem movido agradecimento ao Marechal Rondon pelo privilégio único de me ter confiado os seus diários.

Os diários de Rondon! Parece impossível que possa caber em uma vida tudo quanto contém... é que nem um minuto deixou ele passar que não fosse aplicado com fervor e diligência no serviço da Humanidade, através do serviço à Pátria e à Família. Ainda hoje, sem vista, ocupa-se em passar a limpo os seus diários - que haviam sido escritos a lápis, em campanha - ditando eu e guiando-lhe às vezes, a mão, ao mudar de página ... serão documentos para museu.

Se com seus diários Cândido Rondon tanto cuidado tinha, quais as razões que teriam-no levado a abri-los a Viveiros? Quais as relações prévias entre biógrafo e biografado que permitiam a realização do trabalho?

Esther Maria Perestrello da Câmara Viveiros, paulista de nascimento, era membro da Igreja Positivista, como seu marido, Américo Duarte de Viveiros (a que o livro é dedicado), engenheiro maranhense e um dos construtores do Templo Positivista, no Rio de Janeiro. Por informações constantes no "Prefácio", de Rachel de Queiroz (que a chama de "minha querida") ficamos sabendo que a autora era dedicada às "vítimas das

injustiças", "para quem o Brasil é uma paixão, para quem a assistência social é um apostolado" (p. 9-10), além de "uma mulher de letras".²⁷

Pela introdução, da própria autora, fica-se sabendo que o plano de redação das memórias de Cândido Rondon era uma preocupação de sua mulher e da filha Marina Sylvia, falecida poucos meses antes da mãe, filha a que Viveiros chama de "minha preciosa amiga". Esta ter-lhe-ia dito sobre as "memórias": "se eu não as escrever, faça-o você".

Assim, Viveiros surge como delegada pela própria família Rondon, notadamente por dois componentes femininos. A autora e, pois, apresentada como alguém que de certa forma preenche a figura feminina faltosa:

“A amiga devotada que era de Rondon, propusera-se distraí-lo, ocupando-o: havia ele perdido a sua Chiquita e a falta quase completa da vista obrigara à inatividade aquele homem que levava sempre uma vida do mais intenso labor.”
(VIVEIROS, 1958: Da Orelha)

Aludi acima, na Apresentação deste trabalho, a como se poderia pensar numa certa homologia entre a estrutura de apresentação do Catecismo Positivista, em que o Sacerdote explica a doutrina à Mulher, que o interpela sobre suas dúvidas, compondo uma interação dialógica entre o que seria o "sexo ativo" (o masculino) e o "sexo afetivo" (o feminino), dentro da simbólica positivista.

Como sugeri, creio que este processo se acha reproduzido no trabalho em pauta e este aspecto de síntese esteja presente e reforçado não apenas nos dizeres de Cândido Rondon e de Esther de Viveiros acima citados como, sobretudo, no Prefácio de Rachel de Queiroz:

"Corre em minha terra um ditado curioso: 'Compadre de santo, só outro santo'.

²⁷ Esther de Viveiros publicou: Apelo à Mulher, Rio de Janeiro, 1945; Enfermagem no Lar, Rio de Janeiro, 1947; Do Casamento, Rio de Janeiro, 1949; Amor, Santiago do Chile, 1950; Cartas de Jorge Lagarrigue a Miguel Lemos, Rio de Janeiro, 1957. A produção é claramente remetida ao papel que o positivismo ortodoxo concebia para a Mulher.

Foi o que aconteceu com este livro. A personalidade excepcional teve a estudá-lo outra personalidade excepcional - e daí, o resultado feliz do encontro. Daí a justeza da interpretação, a segurança a do desenho, a inteligente fidelidade ao modelo que são os traços marcantes deste livro. É que o protagonista é um grande homem, quem lhe conta a vida é uma grande mulher - dois santos, dois 'compadres': o Marechal Rondon e D. Esther Viveiros." (VIVEIROS, 1958:8-9. Grifos ACSL)

A atribuição da "santidade" como qualificativo da excepcionalidade é explícita. Além disso, no próprio processo de elaboração do texto o registro objetivo ("os diários") e o subjetivo ("o literário") associam-se ao Homem e à Mulher.

Neste sentido é curioso ver como Queiroz apresenta a biografia como gênero literário que seria limítrofe entre a "realidade dos fatos acontecidos e da realidade psicológica retratada", implicando numa seleção dos fatos pela "mão de artista", de forma a conferir veracidade ao relato, afirmando com isso que a existência de diários e profuso material documental em nada significa para a conclusão da empresa. O trecho abaixo é especialmente elucidativo:

"Documento prova tudo o que se quer, e só, talvez, em matéria de datas há o que fiar neles. Não, diários, documentos, tudo isso são elementos valiosos sim, mas auxiliares; o importante é a contribuição pessoal que o biógrafo põe na sua obra, a honestidade, a finura de entender a talento de descrever e interpretar. Exigimos do biógrafo tudo que exigimos do romancista, sem lhe darmos a liberdade de criação..."
(VIVEIROS, 7958: 8)

E logo surge ressaltado o laço "subjetivo" que une e irmana biógrafo e biografado, laço este que funda o próprio texto:

"Esther de Viveiros formou o seu espírito com as lições de mestres pertencentes àquela escola de pensamento que

floresceu no Brasil nos fins do século passado, escola que contribuiu singularmente para nossa formação republicana e que forneceu alguns dos homens mais irredutivelmente puros e idealistas da política brasileira: os positivistas.

... Tanto a ela, como a Rondon, a chamada 'Religião da Humanidade' serve não só de elemento de comunicação e entendimento recíproco ('os santos são compadres'...) mas principalmente como ponto de partida para uma vida de sacrifício útil e de estudo. No Marechal heróico, com traços de epopéia; na dama paulista, docemente escondido pela modéstia, pelo voluntário apagamento dentro do seu gabinete e do lar." (VIVEIROS, 1958: 9-10)

Mais adiante Queiroz fazia alusões à forma de tratamento dada aos "pobres" por Viveiros que, se repostos pobres por índios e Viveiros por Rondon, estariam plenamente adequados ao último.

Vale ainda destacar, novamente, que o qualificativo de 'santo' surge mais de uma vez neste texto, sendo sem dúvida uma peça fundamental desta narrativa, que será melhor trabalhado abaixo.

Creio não haver dúvidas quanto a ser o texto uma apropriação da "vida de Rondon" especificamente positivista. Isto transparece não apenas pelas referências feitas acima, mas também pelos textos anunciados como a venda na outra orelha do livro: "Escolas Filosóficas. Introdução ao Estudo da Filosofia, de Ivan Lins, síntese positivista da história da filosofia"; "Religião da Humanidade, de Juan Enrique Lagarrigue, resumo da doutrina positivista".

Ao que parece a pretensão não era destinado apenas ao círculo dos remanescentes positivistas mas, aproveitando-se da alta consagração de Rondon, quando este se encontrava sendo proposto para o Prêmio Nobel da Paz, usar-lhe o exemplo para divulgar os princípios do Positivismo Ortodoxo. É um argumento desta ordem o que alegadamente Viveiros teria usado para convencer Cândido Rondon a liberar seus diários:

"O Marechal acedeu ao meu pedido, porque sentiu que legar seu exemplo à posteridade é, uma vez mais, servir à Humanidade na Pátria e na família (VIVEIROS, 2958:16)

Para explicitar mais claramente o que tenho em mente, este texto deve ser entendido como peça num processo de canonização especialmente significativo face à apresentação do nome de Cândido Rondon para o Prêmio Nobel. Sendo um "santo" positivista, isto implica em narrar os feitos que contribuíram para fazer avançar a Humanidade que, como já se disse, tem como mediadores básicos entre o indivíduo e a "Deusa", a Família e a Pátria. Eis porque o texto pode surgir como uma gesta: são os feitos heróicos em prol da Pátria e os conhecimentos científicos que farão avançar a evolução humana rumo ao Estado Positivo.

Por isso na Apresentação sugeri que fosse tratado como uma hagiografia. As referências à "santidade" de Rondon não estão apenas no prefácio, mas também na orelha, na "Nota Final" de Viveiros em especial nos textos de outros que cita para afiançar seus juízos sobre o biografado, alguns citados já por Bandeira. Surge muitas vezes sob o rótulo de apóstolo, termo, para os positivistas ortodoxos, designador dos grandes vultos da Humanidade:

"Na realidade, os homens quase sempre diminuem, quando deles nos aproximamos. Mas outros há que brilham, ao longe, como estrelas e, ao lhes chegarmos perto, verificamos que são sóis esplêndidos, a iluminar o caminho da evolução da Espécie.

É o pensamento que me vem, ao refletir sobre Rondon.

O que o torna grande, não é "ter na sola dos pés o maior caminho jamais percorrido", embora detido, às vezes, por furioso torvelinho...

O que o torna grande não é sabê-lo encharcado pelas intempéries, ou tostado pela canícula, ou a caminhar centenas e centenas de quilômetros, a tiritar de febre.

Não são as suas escaladas - porque não existia ponto a que alguém tivesse chegado que não fosse ele capaz de atingir, sem que a recíproca fosse verdadeira; nem mesmo o seu

tocante gesto de nadar horas a fio, de uma margem para outra, transportando, em pelotas, companheiros aniquilados pelo terror e pelo cansaço. [p. 245. Grifos ACSL]

O que o torna incomparável é sua incomparável obra de Paz.

Nem um só minuto dessa longa vida se passou que não fosse aplicado em "servir", em trabalho social - trabalho ciclópico que, na realidade, era meio de atingir o ideal a que se consagrara: levar paz aos mais longínquos rincões do Brasil.

Com afã de apóstolo, passou pelos perigos como dominador intangível; pelas dificuldades, como se não existissem; pelas ingratidões, como se as não sentisse; pela saudade dos que se iam, como se não fosse seu peito escrínio de delicada sensibilidade... porque sua vida era como a reta que o desenhista traça firmemente, olhos fixos no ponto a atingir. Era esse ponto, levar paz aos infelizes índios, ganhando-os à força do amor que lhe ditara o lema: "morrer, se necessário, matar, nunca!"

É ele um caso único no seu meio e no seu tempo. Outros terão trabalhado com desinteresse pessoal e entusiasmo fervoroso, no próprio problema do índio - mas Rondon não tem igual, porque sua ação é ininterrupta, desde o início de sua vida da pública e porque, até onde pode chegar sua palavra ardente, chegou também seu braço." (VIVEIROS, 1958:626-7. Grifos ACSL)

A longa citação acima repõe a tônica das alusões freqüentes aos "feitos de exceção" que são narrados ao longo do livro e dos quais sobressaem alguns temas: a predestinação ao serviço da Pátria, desejo que teria sido expresso por seu pai ao tio que o criaria em Cuiabá (VIVEIROS, 1958:28); a escolha de seu nome para comissões telegráficas sucessivas; o caráter altamente disciplinado (e disciplinador) de sua conduta, em que o desejo de ser o exemplo por excelência é insistentemente marcado, item este que forneceria interessantíssimo material para a relação entre militares,

sertanismo e proteção aos índios (ou se quisermos sobre disciplina, expansão da fronteira agrícola e indigenismo).

Por este último ponto destaca-se o imperativo da Ordem, o meio para a consecução de todos os objetivos que implicam no Progresso, isto é, a evolução da Humanidade.²⁸

Claro está que o Amor, sendo o princípio, estes eventos estarão freqüentemente associados aos temas do amor por sua família ('posta desde o início a serviço da Pátria') e a inspiração que sua "incomparável Esposa", consoante o modelo positivista, lhe supriria.

Não seria, pois, de se admirar que na parte que se intitula "Positivismo" existia um "credo"²⁹ rondoniano, e que na parte referida como "Minha Esposa" também esta esteja descrita como a heroína compatível como "serviço da Humanidade" a que se emprestavam.

²⁸ Para a narrativa de feitos ou padecimentos heróicos, ver na biografia de Viveiros, p . 87-90 ; 96-97 ; 100-112 ; 120-122; 126; 129; 146; 155; 161; 164; 170-71; 175; 182; 184; 191/195; 203-04; 237-38; 243-245 etc.

²⁹ "Creio que o homem e o mundo são governados por leis naturais.

Creio que a ciência integrou o homem no Universo, alargando a unidade, e neles criando, assim, modesta e sublime simpatia para com todos os seres de quem, como o "Poverello", se sente irmão.

Creio que a ciência, estabelecendo a inateidade do amor, como a do egotismo, deu ao homem a posse de si mesmo, os meios de se transformar e de se aperfeiçoar.

Creio que a ciência, a arte, a indústria hão de transformar a Terra em paraíso, para todos os humanos, sem distinção de raças, crenças, nações - banidos os espectros da guerra, da miséria, da moléstia.

Creio que, ao lado de forças egoístas - a serem reduzidas a meios de conservar o indivíduo e a espécie - existem no coração do homem tesouros de amor que a vida em sociedade sublimará cada vez mais.

Creio nas leis da sociologia, fundada por Augusto Comte, e por isso, na incorporação do proletariado e das nações consideradas sem civilização à sociedade moderna - para que possam todos fruir dos benefícios da ciência, da arte, da indústria.

Creio que a missão dos intelectuais é, sobretudo, o preparo das massas humanas desfavorecidas, para que se elevem, para que se possam incorporar à sociedade.

Creio que, sendo, às vezes, os interesses da ordem incompatíveis com os do progresso, cumpre tudo resolver à luz do amor.

Creio que a ordem material deve ser mantida, sobretudo por causa das mulheres, a melhor parte de todas as pátrias, e das crianças, as pátrias do futuro.

Creio que, no estado de ansiedade atual, a solução é, deixando o pensamento livre como a respiração, promover a "liga religiosa" - convergindo todos para o amor, o bem comum, postas de lado as divergências que ficarão em cada um como questões de foro íntimo, sem perturbar a esplêndida unidade - que é a verdadeira felicidade." (VIVEIROS, 1958:611-612)

Deve-se destacar ainda como, ao longo do texto, de acordo com a crença positivista ortodoxa, a recusa da "política metafísica" é sempre enfatizada. (Cf. por exemplo, p. 474 e ss, 480), e o serviço à Pátria é afirmado na narração de uma série infundável de rituais cívicos nas datas nacionais, em telegramas enviados às autoridades constituídas a cada inauguração de estações telegráficas e acampamentos, com o hasteamento da Bandeira Nacional (signo de importância fundamental para o Positivismo Ortodoxo Brasileiro). Muitas vezes as inaugurações eram realizadas, a se julgar pelo texto, em datas familiares, e muitos acidentes naturais receberam nomes de filhos e outros familiares,³⁰ na produção de uma toponímia muitas vezes absorvida por instâncias oficiais de poder. Mais uma vez a Família é a mediação necessária face à Pátria e à Humanidade.

II.3 O texto

De tais demarcações qual o produto de mais este conto da estória de "ordenação do caos das selvas brasileiras"?

Um primeiro ponto a chamar a atenção na estrutura do texto é a combinação entre uma ordem cronológica estrita - inter e intra capítulos -, muitas vezes com referências dia a dia às atividades desempenhadas, combinada a uma qualidade de capítulos que se poderia chamar de temática.

Consultando-se o índice (Apêndice nº 2) pode-se notar a existência de cinco desses capítulos onde a cronologia não é o princípio vigente de ordenação. São os que se intitulam "Os Índios", "A Contribuição dos Índios", "Positivismo". "Minha Esposa" e "Companheiros". Neles certos temas são enfocados mais explicitamente, atendendo à ênfase que se lhes quer conferir.

Assim, apesar das referências aos índios³¹ serem freqüentes ao longo do texto, o "ideário rondoniano", a visão positivista sobre os indígenas brasileiros, com um *panteon*

³⁰ Um traço marcante do texto e que suscita idéias interessantes para um outro trabalho é a re-denominação do terreno que vai sendo explorado com nome de vultos históricos, amigos e parentes de Cândido Rondon, bem como o olhar estratégico tanto do ponto de vista político quanto econômico, sobre a região palmilhada.

³¹ Referências a grupos indígenas específicos são achadas, dentre outras, nas páginas 67, 69-70; 76/80; 90; 106; 126; 130-31; 137/139; 145-46; ... 222/225; 234/238; 244/247; ... 316-317; 353/355 etc.

de heróis indígenas e de amigos dos índios apresentado nestes dois capítulos. O mesmo acontece com os outros capítulos citados

Neles não se encontram datas e acontecimentos que permitam pensar em relações sociais, fato que deveria se constituir em motivo de ânimo, pois que estes cinco capítulos são uma parcela ínfima das 638 páginas do livro.

Olhando mais de perto, porém, e lendo-se mais atentamente o livro, a impressão de riqueza factual vai pouco a pouco se esvanecendo. Ao menos 460 páginas referem-se a descrições minuciosas e diárias das expedições das linhas telegráficas e da inspeção de fronteiras onde a topografia, a toponímia, a referência tópica (e não a descrição minuciosa de um viajante) aos indígenas e considerações de ordem estratégica ocupam o lugar primordial, junto aos feitos heróicos ou a referências à família.

Pode-se fazer uma cronologia minuciosa da implantação de estações telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas, mas apenas alguns vislumbres serão dados acerca das relações sociais que as suportam, sua organização interna, seus métodos de trabalho; pode-se ainda, como fizemos na ficha (Apêndice nº 3), arrolar os postos que Cândido Rondon ocupou.

Mas nada dos debates a que o SPI esteve sujeito, os acordos políticos, os aliados ao nível do Senado ou de Mato Grosso, nenhuma descrição mais densa da Personalidade e da ação (com pequena exceção feita a Pandiá Calógeras, p. 454 e ss) de qualquer homem público ao qual se vinculou a trajetória de "Comissão Rondon", do SPI ou do próprio Rondon, além das poucas referidas à ficha, quando por outros registros têm-se notícias um pouco distintas.³²

De certo o texto poderia fornecer material para análises de discurso bastante interessantes, e é peça significativa para a reconstrução do ideário positivista se percebido como contemporâneo à década de 1950, sobretudo no que se refere à imagem do "índio".

Melhor exemplo não poderia haver que o tom radicalmente distinto - superficial e algo mítico - toda vez que se trata de falar não sobre os "grandes feitos", mas sobre as ações que permitiram certas realizações:

³² Baseio-me, aqui, em conhecimentos obtidos na elaboração de minha dissertação de mestrado e em outras pesquisas posteriores.

"Nilo Peçanha, Rodolfo de Miranda e eu demo-nos as mãos, conjugamos nossos melhores esforços para transformar em fúlgida realidade o grandioso programa de José Bonifácio" (VIVEIROS, 1958:343)

Tive muito o que fazer durante essa estada no Rio, em contato com os ministros, com o presidente da República, com deputados e senadores, a fim de resolver assuntos do Serviço de Índios. Realizei também três conferências, com projeções. "(VIVEIROS, 1958:439)

Ou ainda todas as referências ao uso da violência física como instrumento de disciplina ao seio da "Comissão", conquanto sempre eufemizada sob o designativo de "método do Conde de Lipe" (p.ex., p. 110), feitas como se a seu uso compelido tivesse sido, demonstrando grande repugnância no seu emprego. Ao que parece, no entanto, foi mais freqüente do que se pode supor, já que lhe gerou, por denúncias, um conselho de guerra. Como, senão amenizando, suprimindo e "explicando", justificar tais fatos de conhecimento público, então, ainda que operando sob o imperativo da "Ordem como meio"? O "apóstolo da paz" é também um guerreiro e um civilizador. Mas não me cabe, aqui, entrar no teor do mito.

Estes são apenas alguns exemplos. A citação é particularmente indicativa do que está ausente, já que o trecho é característico do tratamento dado a tudo que não é a "obra de paz de Rondon", aquilo que, não contribuindo ao mito, deve ser descartado: não são exatamente estas as informações de interesse sociológico caso se vise à reconstituição de sistemas sociais passados?

No entanto, o livro se apresenta com todos os signos da objetividade. Se retomarmos as considerações feitas na parte anterior do trabalho, particularmente as apoiadas em White, pode-se perceber como o texto assim se reveste. Em primeiro lugar, arma-se sob um eixo cronológico estrito, o que é garantido, ainda, pelo fato de ter apoio sobre os diários do biografado (um registro regulado pela datação cotidiana), razão talvez pela qual (ou em função do "diálogo" onde a voz da biógrafa surge como implícita) o texto é montado como se o biografado efetivamente nos contasse sua vida.

Se partindo de White, nos perguntássemos com estaria dada a distinção entre Real e Imaginário, fato fundante da narrativa histórica pela ausência de um narrador, poderíamos nos responder que inexistente de fato um narrador: o "narrador Rondon", não sendo o sujeito da escrita (Viveiros) serve antes como o atestado de que a biógrafa não "inventou" a narrativa; sendo "a voz dos diários", é também a imposição de um nome - Rondon - que, a exemplo das *griffes*,³³ opera a magia de transformar o produto, conferindo-lhe outro sentido ao suprimir, praticamente, a figura de Viveiros. O texto aproxima-se, assim, formalmente, de um testemunho.

Por outro lado, presentificada pela designação de autoria, pelo prefácio, introdução e nota final E. de Viveiros nos fala que é o biografado que a autoriza e legitima, fato enfatizado pela carta a Viveiros estampada no livro.

No jogo entre biógrafo e biografado o que sai reforçado é o sentido de confiabilidade do livro e seu aspecto moralizante, já que a "história de vida" de Cândido Mariano da Silva Rondon é - sem ter sido de certo o narrado, ratificado duplamente - transformada em exemplo a ser seguido e atestado da proficiência de uma crença. Somente em relação a este jogo pode se entender a "ficha" em apêndice, tal como preenchida, bem como pensar nas fontes possíveis para se operar um estudo sociológico acerca de uma trajetória social que, transformada em exemplar, nada deixa a entrever do que seria o típico na formação militar de Cândido Rondon, nos postos públicos que ocupou, na sua atuação em diferentes conjunturas históricas nas quais esteve inserido. Nestes termos o exercício acima não nos parece ter sido ocioso, sobretudo face a uma questão metodológica importante para a História e para a Antropologia: quais os limites da utilização de técnicas como as de história de vida; a que demandas pode dar resposta a história oral? Muitas vezes panacéia e "moda", passam a contribuir no engendramento de monstros, antes que em esclarecer questões, fato sem dúvida primordial para a construção científica, ainda que assumida sob "paradigmas" os mais próximos de pensá-la como tarefa interpretativa.

Mais significativo, talvez, é que fica submerso o significado de uma fração particularmente importante das Forças Armadas na primeira metade deste século, menos voltada para a intervenção na cena política governamental, mas imbricada em

³³ Cf. BOURDIEU, Pierre & DELSAUT, Yvette. "Le conturier et sa griffe: contribution à une théorie de la magie", In: Actes e la Recherche en Sciences Sociales, Paris, minuit, I (1):7-36, 1975.

profundidade no processo de construção territorial do Brasil republicano, aquela que deitaria as bases de um raciocínio geopolítico³⁴ como se passaria a conhecer a partir da década de 40. Questões atuais pontos a serem respondidos, muitas vezes obscurecidos pela magia da nomeação, por *harmless untruths*. Matéria para o bom exercício humano de geração de novas e provisórias palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Dulcina, *Antes que seja tarde: biografia de Alípio Bandeira*, Rio de Janeiro, Ed. Luna, 1979. 198 p.
- BERTAUX, Daniel, org, *Biography and society*. Beverly Hills/London, Sage Publications Ltd., 1981.
- BOURDIEU, Pierre, "L'illusion biographique". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62/63:69-72, Juin, 1986.
- BOURDIEU, Pierre; CHMBOREDON, Jean-Claude & PASSERON, Jean Claude. *El oficio de sociólogo*. Presupostos epistemológicos. México, Siglo Veintiuno Editores, 1986.
- BRUNER, Edward M. "Ethnography as narrative". In: TURNER, Victor W., org. *The Anthropology of experience*. Chicago, University of Illinois Press, 1986. p. 139-155.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. O imaginário da república no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.
- ESTERCI, Neide. O mito da democracia no país das bandeiras. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional, 1972.

³⁴ Para questões relativas aos vínculos entre geopolítica e indigenismo, ver LIMA, 1990, bem como todo o volume em que o texto está publicado.

- FURET, François. "O quantitativo em História", In: LE GOFF, Jacques et NORA, Philippe, comps. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976. p. 49-63.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. "Euclides elite modernizadora e enquadramento" . In: CUNHA, Euclides da. *Euclides da Cunha*. Organização de Walnice... São Paulo, Ática, 1984, p. 7-37.
- HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio*. 1ª ed., 14ª reimpressão, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- KOHLI, Martin. "Biography: account, text, method". In: BERTAUX, Daniel, org., op. cit. 1981 (supra).
- LEFEBVRE, Georges. *O nascimento da moderna historiografia*. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1981.
- LEITE, Jurandyr Carvalho Ferrari. "Uma bibliografia sobre os índios do Brasil, 1882-1930". Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1985. ms.
- _____. "Proteção e incorporação. A questão indígena no pensamento político do positivismo ortodoxo". Rio de Janeiro, Museu Nacional/IUPERJ, 1987, [No prelo pela *Revista de Antropologia/USP* desde março/1987]
- LIMA, Antonio Carlos de Souza. "Aos fetichistas, ordem e progresso". Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional, 1985.
- _____. "Indigenismo e Geopolítica. Projetos militares para os índios no Brasil", OLIVEIRA, João Pacheco, org. *O Projeto Calha Norte: militares, índios e fronteiras*. Antropologia & Indigenismo, PETI/Ed. UFRJ, 1990, 1:60-86.
- LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*, 2ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1967.
- NACHMAN, Robert Gabriel. "Brazilian Positivism as a source of middle sector ideology". Ph.D. dissertation. Ann Arbor, University Microfilms, 1972.
- POLLACK, Michael & HEINICH, Nathalie. "Le témoignage". *Actes de Ia Recherche en Sciences Sociales*, 1986, 62/63: 329, Juin.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Brasília, Ed. da UnB, 1981.
- WHITE, Hayden. *Metahistory. The historical imagination in Nineteenth-Century Europe*. Baltimore, The John Hopkins Press, 1979.

_____. "The value of narrativity in the representation of reality". *Critical inquiry*. 1980, 7:1.

_____. "The question of narrativity in contemporary historical theory". *History and Theory*. 1984, XVII (1).

_____. "The historical text as literary artifact". In: *Tropics of discourse*, Baltimore. The John Hopkins Press, 1985.

APÊNDICE I

LEVANTAMENTO DOS RELATOS BIOGRÁFICOS SOBRE CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON NAS BIBLIOTECAS DO MUSEU DO ÍNDIO, NACIONAL E DO MUSEU NACIONAL, E TEXTOS DISPONÍVEIS NA BIBLIOTECA DO AUTOR DESTE TRABALHO, (Ordenado por data de publicação e ordem alfabética)

1. BANDEIRA, Alípio et alii

1919 - Rondon. Rio de Janeiro, s/ed. 57 p. il.

2. LINS, Ivan

1941 - "La obra educativa de un general brasileño: La epopeya de Rondon en las selvas Americanas". Conferência pronunciada por el Professor Ivan Lins en el Salón de Actos del Ministerio de Defensa Nacional, el día 17 de octubre de 1940, en presencia del Señor Ministro General de División Julio A. Roletti. Montevideo. Imprensa Militar.

3. GUSMÃO, Clovis de

1942 - Rondon. Rio de Janeiro, José Olympio. 226 p. il.

4. MAGALHÃES, Amilcar Armando Botelho de

1942 - *Rondon, uma relíquia da pátria*. Curitiba, Ed. Guaíra, il.

5. DUARTE, Bandeira

1945 - *Rondon, o bandeirante do século XX*. 2ª ed, São Paulo, Liv. Martins, 204 p. il. [Da primeira edição, aqui não referida, não consta data.]

6. BADET, Charles [Henri?]

1951 - *Charmeur d'indiens, le general Rondon*. Paris, Nouvelles Éditions Latines. 188 p. il. [Há um nome para o autor na capa, outro na folha de rosto.]

7. SILVA, Valentim Benício da & BRANCO, Firmino Lages Castello

1952 - *Rondon, o civilizador do sertão*. Rio de Janeiro, Ed. Biblioteca do Exército. (Primeiramente publicado no *Jornal do Comércio*, de 8/06/1952).

8. MAGALHÃES, Amilcar Armando Botelho de

1956 - *A obra ciclópica do General Rondon*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 63 p.

9. FIGUEIREDO, Antônio J.de

1957 - "Rondon: Bandeirante, Apóstolo da Paz"* In: *Revista do Clube Militar*. Rio de Janeiro, Ano XXX, nº 145, p. 85-93.

10. "Rondon, o último bandeirante"

1957 - *Grandes Figuras em Quadrinhos*. Rio de Janeiro, EBAL, nº 1, 35 p.

11. BALDUS, Herbert

1958 - "Em Memória, Cândido Mariano da Silva Rondon" *Revista do Museu Paulista*, vol. X, p. 283-294, e tb. em *Anhembi*, vol. XXX, março p. 48-56, como "Rondon Indianista".

12. MATOS, F. Jaguaribe de 1958 - *Rondon merecia o Prêmio Nobel da Paz*.

Apresentação de candidatura do Exmº Sr. Mal. Rondon. Rio de Janeiro, s/ed.

13. RIBEIRO, Darcy

1958 - *O indigenista Rondon*. Rio, MEC. [Inclui Curriculum, Bibliografia de e sobre Rondon. Parte deste texto foi publicado na *Revista de Antropologia*, 6 (2):97-103, dezembro. É posterior ao trabalho de Viveiros.

14. VIVEIROS, Esther de

1958 - *Rondon conta sua vida*. Prefácio de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro, Livraria SãoJosé. 638 p. il.

15. CORREIA FILHO, Virgílio
1961 - "Rondon", *Revista Brasileira de Geografia*. 23(3), jul/set., 557-562.
16. ALMEIDA, Nelson Abel de
1965 - *Rondon e o Brasil*, Vitória, Universidade do Espírito Santo, 20 p.
17. GUERRA, Flávio
1965 - *Rondon, o sertanista*. Rio de Janeiro, Distribuidora Record, 94 p.il.
18. MAIA, Jerônimo Rosado
1965 - *Randon e Mossoró. Mossoró*, Secretaria de Educação e Cultura, 23 p.
19. RONDON, Frederico
1965 - Pelos sertões e fronteiras do Brasil, sob as ordens de Rondon, O Civilizador. Coletânea de estudos amazônicos. Rio de Janeiro.
20. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
1965 - *Cândido Randon: centenário*. Vitória, UFSC. 8 p.
21. MARTINS, Wilson
1966 - *Homenagem ao centenário de nascimento do Marechal Rondon*. Discurso proferido na sessão de 5 de maio de 1965, Brasília, Departamento de Imprensa Nacional, 12 p.
22. PILLAR, Olyntho Luna Freire do, Gen.
1966 - "Cândido Mariano da Silva Rondon. Marechal. Patrono da Arma de Comunicações". In: _____. *Os Patronos das Forças Armadas*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora. (Coleção General Benício). [Há uma edição ampliada - com biografias de outros "patronos" - de 1981 pela mesma editora, mas na Coleção Taunay.]
23. COUTINHO, Edilberto

1969 - *Rondon, o civilizador da última fronteira*. Rio de Janeiro, Olivé Ed./INL, [2ª Edição, 1975.]

24. O'REILLY, Donald Francis

1969 - "Rondon: biography of a Brazilian Republican Army Commander". Ph.D. Dissertation Department of History. Graduate School of Arts and Sciences, New York University. Ann Arbor, University Microfilms. [1986]

25. COSTA, Oton

1970 - *O Marechal Rondon e a cultura brasileira*. Conferência no Curso de Altos Estudos Amazônicos, em setembro de 1969. Rio de Janeiro, s/ed., 32 p.

26. PAIVA, Mario Garcia de [introdução, notas biográficas seleção de textos e glossário de...].

1971 - *A grande aventura de Rondon*. Rio de Janeiro, INL, 177 p. il.

26. FREITAS, Sebastião C. Teixeira de

1974 - *Marechal Rondon*. São Paulo, Editora Três, 94 p. il.

27. RIBEIRO, Darcy

1974 - *Uirá sai à procura de Deus*. Ensaios de Etnologia e indigenismo. Rio de Janeiro, Paz e Terra. [Trata-se da republicação do texto de 1958.]

APÊNDICE II

RONDON CONTA SUA VIDA

ÍNDICE

	Pág.
Dedicatória	7
Introdução	15
Família	17
A Terra Natal	23
Cuiabá	28
Soldado	33
Escola Militar	36
A República	46
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia - I -	61
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia - II -	69
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia - III -	85
Benjamin Constant e Gomes Carneiro	92
Professorado	97
Casamento	100
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia (Reconstrução) e Estrada Estratégica	107
Auxiliar Técnico da Intendência Geral da Guerra (Sob a Direção do General Francisco de Paula Argolo	118
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso - I -	120
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso - II -	135
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso - III -	141
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso - IV -	148
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso - V -	157
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso - VI -	168
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso - VII -	176
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso - VIII -	186

Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso - IX -	198
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso - X -	208
Resumos	224
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas	227
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas – II -	233
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas - III - ...	240
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas - IV - ...	244
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas - V -	249
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas - VI - ...	258
Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas - VII - ..	266
Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas - VIII -	272
Comissão de Linhas Telegráficas, de Mato Grosso ao Amazonas - IX -	279
Comissão de Linhas Telegráficas, de Mato Grosso ao Amazonas - X -	295
Comissão de Linhas Telegráficas, de Mato Grosso ao Amazonas - XI -	306
Comissão de Linhas Telegráficas, de Mato Grosso ao Amazonas - XII -	314
Comissão de Linhas Telegráficas, de Mato Grosso ao Amazonas - XIII -	321
Os Índios	326
A Contribuição dos Índios	336
Serviço de Proteção aos Índios	343
Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas - XIV -	352
Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas - XV	360
Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas - XVI -	366
Expedição Científica Roosevelt - Rondon - A -	376
Expedição Científica Roosevelt - Rondon - B -	397
Expedição Científica Roosevelt - Rondon - C -	407
Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas - XVII -	426
Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas - XVIII -	433
Última Fase da Campanha Sertanista - I -	438
Última Fase da Campanha Sertanista - II -	449
Diretor de Engenharia.....	454
BI-Centenário de Cuiabá	463
Rei Alberto	469

Missão Militar Francesa - Sucessão Arthur Bernardes	474
Obras Contra a Seca	486
Comandante em Chefe das Forças em Operações no Paraná e Santa Catarina	492
1925-1926	500
Inspeção de Fronteiras - (1ª Campanha) -	505
Inspeção de Fronteiras - II -	516
Inspeção de Fronteiras - III -	526
Inspeção de Fronteiras - (2ª Campanha) - I -	534
Inspeção de Fronteiras - (2ª Campanha) - II -	543
Inspeção de Fronteiras - (3ª Campanha) - I -	550
Inspeção de Fronteiras - (3ª Campanha) - II -	561
Revolução de 1930	575
Comissão Mista	580
Conselho Nacional de Proteção aos Índios	596
Positivismo	609
Minha Esposa	614
Companheiros	619
Homenagem	622
Nota Final	626

APÊNDICE III

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

Nascimento: 5 de maio de 1865

Morte: 19 de janeiro de 1958

Diplomação:

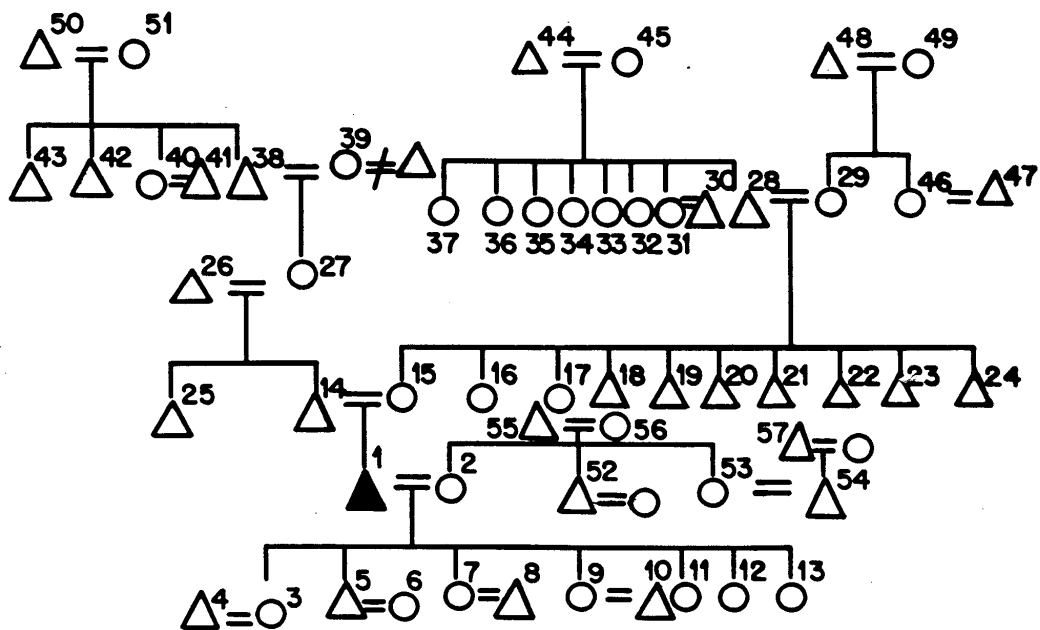
- Engenheiro Militar
- Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais

Cor: [Não mencionada]

1. Naturalidade:

Mimoso (Distrito de Santo Antonio de Leverger, anteriormente Santo Antonio do Rio Abaixo), Mato Grosso.

2. Dados Familiares:



Nomes Referidos ao Diagrama

- 1- Cândido Mariano da Silva Rondon
- 2- Francisca Xavier da Silva Rondon
- 3- Heloisa Aracy
- 4- Emanuel Sylvestre do Amarante (Engenheiro Militar. Participante da Comissão Rondon e do SPI)
- 5- Bernardo Tito Benjamin (Engenheiro Civil)
- 6- Maria Muniz Rondon
- 7- Clotilde Teresa
- 8- João Estanislav Peixoto do Amarante
- 9- Marina Sylvia
- 10- Álvaro Berardinelli
- 11- Beatriz Emília
- 12- Maria de Molina
- 13- Branca Luiza
- 14- Cândido Mariano da Silva
- 15- Claudina de Freitas Evangelista
- 16- Balbina [de Freitas Evangelista]
- 17- Antonia [de Freitas Evangelista]
- 18- Bartolomeu [Freitas Evangelista]
- 19- Antonio [de Freitas Evangelista]
- 20- Francelino [de Freitas Evangelista]
- 21- Pedro [Freitas Evangelista]
- 22- João Miguel [de Freitas Evangelista]
- 23- Manoel [de Freitas Evangelista]
- 24- Joaquim [de Freitas Evangelista]
- 25- Manoel Rodrigues da Silva Rondon
- 26- José Mariano da Silva ("descendia de portugueses")
- 27- Maria Rosa Rondon ("descendia de paulistas de origem espanhola, com algumas gotas de sangue índio guaná")
- 28- João Lucas Evangelista
- 29- Maria Constança de Freitas

- 30- Manoel de Souza Neves
- 31- Antonia Evangelista Neves (“casada com Manoel de Souza Neves, a quem eu chamava ‘dindinha’, porque com meu avô me criou até os 7 anos”)
- 32- Francisca
- 33- Maria Tomásia
- 34- Maria Francisca
- 35- Tomásia
- 36- Silvéria
- 37- Ana
- 38- Francisco da Silva Rondon
- 39- D^a. Escolástica
- 40- Curita
- 41- Generoso Ponce
- 42- João Pedroso
- 43- José
- 44- José Lucas Evangelista ("bandeirante")
- 45- Joaquina Gomes ("de Jacobina, localidade do Município de São Luís de Cáceres, mestiça de índios bororo da Campanha")
- 46- Ana de Freitas Leite de Queiroz ("Tia Aninha")
- 47- Antonio Caetano Leite
- 48- Constantino de Freitas ("de origem portuguesa")
- 49- Maria de Freitas ("mestiça terena, nascida em Miranda")
- 50- Gaspar da Silva Rondon (“rico fazendeiro de Cotia, São Paulo [?]”)
- 51- Francisca Leonarda ("filha de um índio guaná e de Nhauaçu também índia guaná")
- 52- Francisco José Xavier Jr.
- 53- Teresa Xavier Lemos
- 54- Cipriano Lemos
- 55- Francisco Xavier (Professor do Colégio Pedro II)
- 56- Teresa Xavier
- 57- Miguel Lemos [Do Apostolado Positivista].

2.1 Família de Origem:

Pai: Cândido Mariano da Silva

[Morreu meses antes do nascimento do filho, de varíola.]

Mãe: Claudina de Freitas Evangelista [morre quando o filho tem dois anos.]

Avô Paterno: José Mariano da Silva [Tinha um sítio.]

Avó Paterna: Maria Rosa Rondon

Avô Materno: João Lucas Evangelista [ocupação: Proprietário de Terras]

Avó Materna: Maria Constança de Freitas.

2.2 Fratrã:

Único filho.

2.3 Casamento:

Esposa: Francisca Xavier da Silva Rondon (Chiquita) Data de Nascimento: 14 de abril de

Data da Morte: [Morreu antes de C.M. da Silva Rondon]

Data de Casamento: 1º de fevereiro de 1892 (Casamentos Civil e Católico) e 8 de janeiro de 1903 (Casamento Positivista) [Realizado na Igreja do Amparo, em Cascadura, o casamento civil teve como madrinha a mulher de Benjamin Constant Botelho de Magalhães, já falecido. O casamento civil foi celebrado pelo juiz Pires Ferreira, que mais tarde seria Senador pelo Piauí.]

Pai da Esposa: Francisco Xavier

Ocupação: Professor do Colégio Pedro II, da cadeira de Geografia.

Mãe da Esposa: Francisca Xavier.

2.4 Filiação:

Primogênita:

Data de Nascimento: 13/12/1892

2º Filho: Bernardo Tito Benjamin

Ocupação: Engenheiro Civil, do Departamento de Correios e Telégrafos.

Foi Fotógrafo de expedições da Inspetoria de Fronteiras.

Data de Nascimento: 29/04/1894.

3º Filho: Clotilde Teresa

4º Filho: Maria Sylvia

Data de Nascimento: 25/09/1903

Obs: Faleceu antes de C.M.S.R.

5º Filho: Beatriz Emília

Data de Falecimento: Em torno de 28/03/1925.

6º Filho: Maria de Molina

Data de Nascimento: 31/08/1907

7º Filho: Branca Luísa

Data de Nascimento: 8/06/1911.

3.1 Trajetória:

3.1 Escolar:

- Primeiras Letras: No Mimoso, com o ex-sargento da Guerra do Paraguai Jacinto Heliodoro de Almeida, numa escola fundada para ensinar aos filhos de proprietários de terras. Até os sete anos.
- Primário: 1873: Escola [Particular] do Mestre Cruz (Cuiabá) 1874: Escola Pública do Professor João Batista de Albuquerque^(*) .../até 1878: Escola Pública do Mestre Chico, onde conclui o primário, após exame perante banca.
- Normal: 1879/1881: Escola Normal (transformada, em 1880, em Liceu Cuiabano), completando o curso com "distinção e louvor".
- Escola Militar: 1883 - Matricula-se para todos os exames do Externato Pedro II, prestando os de Português e Geografia (ministrado pelo seu futuro sogro, Francisco Xavier), em função do não-reconhecimento da validade dos diplomas de Cuiabá.
- Em função de pressões política, foi adido como praça à Escola Militar, caso em que se encontravam outros quase (ou mais) duzentos indivíduos.
- Cursa o primeiro ano do Curso de Preparatórios^(*).
- Pede os exames do 2º e 3º anos, fazendo-os e passando.
- 1884: Matricula-se no curso superior da Escola Militar, cursando o primeiro ano de Infantaria e Cavalaria ('curso de alfafa').
- 1885: 2º ano. Toma contato, na qualidade de seu professor de Cálculo Diferencial e Integral, e de Geometria Analítica, com Benjamin Constant

^(*)Posteriormente se torna comerciante e será fornecedor de bens para a Comissão Rondon.

^(*)Para o *currículum* da Escola Militar ver: MOTTA, Jeovah. Formação do Oficial do Exército. Currículos e regimes na Academia Militar, 1810-1944. Rio de Janeiro, Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1976.

Botelho de Magalhães, tendo como repetidor o Capitão Tromposwski. Perde o ano em função de doença não diagnosticada e da qual se cura inexplicavelmente, não sendo expulso por intervenção do Cel. Costalat [suponho que diretor].

- 1886: Cursa o 2º ano novamente.
- 1887: 3º ano da Escola Militar, quando completa o curso de Matemática Superior com Mecânica Racional, sob a regência do Professor Manoel Cursino Peixoto do Amarante, comandante do Corpo de Alunos.
- 1888: Promovido, em 4 de julho, a Alferes-aluno (título acadêmico, segundo Viveiros/Rondon, que se constituía em prêmio pelo desempenho nos dois primeiros anos, implicando em soldo superior).

Tirou o curso de Estado Maior de Primeira Classe, estudando Astronomia com o Major Oliveira.

Transferido para a Escola Superior de Guerra, para a qual não foram os alunos cadetes.

- [1888/89/90?] Estuda Matemática Superior e Alemão com Benjamin Constant.
- 1890 - Desligado da Escola Superior de Guerra com título de Engenheiro Militar e o diploma de "Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais".

Já engajado na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia, pratica astronomia, sob a supervisão de Henrique Morize, no Observatório Nacional.

3.2 Profissional (Cargos, Postos, Comissões)

- Nomeado, ao se formar em 1881, Professor Primário, cargo que não exerce.
- 1881: Assentou praça, juntamente com outros colegas cuiabanos, com o fito de vir ao Rio de Janeiro, para a Escola Militar, recusando o perfilhamento pelo tio que o criara, Manoel Rodrigues da Silva [Posteriormente este colocaria o nome Rondon, ao final, de forma a distinguir de um homônimo "vigarista", o que Cândido Mariano da Silva imitaria], capitão da Guarda Nacional, o que lhe permitiria ingressar no Exército na condição de Cadete. Praça verificada em 26/11/1881, no 3º Regimento de Artilharia a Cavalos, Quartel do antigo Acampamento Couto de Magalhães, em Cuiabá.
- 2/12/1881: Sai de Cuiabá, chegando ao Rio de Janeiro a 31/01/1882.
- 1882: Adido ao 2º Regimento de Artilharia a Cavalos, inicia a instrução de Recruta, incluindo-se na 4ª Bateria do Regimento, sob o comando do então Capitão Hermes da Fonseca. Cargo: [Em função da escolaridade e da letra] Amanuense da Secretaria do Regimento. Cargo: Amanuense do Quartel Mestre General.
- 23/12/1889: Nomeado Ajudante do Major Antonio Ernesto Gomes Carneiro, na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia, que desejava um Ajudante matogrossense. [Provavelmente por indicação do Cel. Amarante, de quem Gomes Carneiro era amigo], partindo para Mato Grosso em 6/03/1890. Posto: Passa a 1º Tenente de Estado Maior de 1ª Classe, promoção fruto de medida sugerida pelo Engenheiro Militar Serzedelo Correia, que beneficiou a todos os participantes na República, na qual Rondon tomara parte como elemento de ligação entre Marinha e Exército e comandando a 4ª seção da 4ª Bateria, do 2º Regimento de Artilharia, sob o comando do Capt. Hermes da Fonseca.

- Nomeado, pouco depois, por indicação de Benjamin Constant, Lente Substituto da 1ª Seção da Escola Militar, cargo vitalício, só assumido ao término da Comissão.
- 30 de abril de 1891: Assume a Chefia da Comissão na ausência de Gomes Carneiro, passando-as posteriormente ao Capitão Assunção, que chefiaria a linha telegráfica como ‘Inspetor de Primeira Classe dos Telégrafos’.
- 4/03/1891: Mandado recolher ao Rio de Janeiro para receber o cargo na Escola Militar, que assume em 1º/07/1891.
- Sobe ao posto de Major em Comissão.
- Regente da Cadeira de Astronomia e Repetidor da de Mecânica Racional, devendo substituir o lente de Matemática Superior quando este faltasse.
- 1892: Por empenho de Gomes Carneiro em estabelecer a ligação telegráfica entre Rio de Janeiro e Cuiabá, é nomeado, pelo Ministro da Viação, Chefe do Distrito Telegráfico e, pelo Ministro da Guerra, Inspetor Geral dos Destacamentos do Sertão. Em função do cargo é rebaixado do posto de Major em comissão para o posto de Capitão.
- 6/03/1892: Parte com a mulher para Cuiabá, para assumir as tarefas de reconstrução da linha telegráfica de Cuiabá ao Araguaia e de construção da Estrada Estratégica [em função das tensões crescentes na relação Brasil-Argentina], tornando-se chefe do 16º Distrito Telegráfico.

[1894/06: Vem ao Rio de Janeiro trazer a família retoenando logo após, por terra.]

- 1894: Acusado pelo Capitão Távora, comandante do 8º Batalhão (do qual alguns praças foram deslocados para servir à Comissão) de medidas disciplinares e métodos de trabalho excessivos [leia-se castigos físicos, que surgem sempre eufemizados como “os métodos do Conde de Lipe”], o que redundaria em Conselho de Guerra, o qual se estendeu até janeiro de 1895, sendo "arquivado como improcedente".
- 1895: Normalizadas as relações com a Argentina, é suspendida a construção da Estrada Estratégica.
- 1898: Após atrito com o Diretor Técnico da Repartição Geral dos Telégrafos, Dr. Waiss, resolve pedir exoneração do posto de chefe do 16º Distrito Telegráfico, sendo solicitado seu retorno pelo Ministro da Guerra.
- 1899:
 - 2/01: Apresenta-se no Rio de Janeiro.
 - 21/01/99: Nomeado auxiliar técnico da Intendência Geral da Guerra [Diretor: Gen. Francisco de Paula Argolo].
- 1900: 16/07: Desliga-se da Intendência da Guerra em função da reativação de um projeto anteriormente tentado de construção de linha telegráfica entre Cuiabá e Corumbá.
 - 21/07: parte para Mato Grosso.
- 1900-1906: Comissão Construtora de Linhas Telegráficas no estado de Mato Grosso, ("De Cuiabá a Corumbá, Prolongando-se até as Fronteiras de Paraguai e Bolívia").

[190 2: Vem ao Rio de Janeiro ver a esposa que estava com a saúde abalada, após 23 meses de ausência.]
- [janeiro de 1903: Vem ao Rio de Janeiro e leva a família para Cuiabá.]

- 1903: Promovido a Major.

[2/09/1905: Demarcação da Aldeia Terena do Ipegue, no atual Mato Grosso do Sul.]

- 1º/12/1905: Retornando a Cuiabá, será chamado a 7/12/1905 pelo Ministro da Guerra, a quem apresentaria relatório em 21/01/1906, reassumindo a Comissão em 23/03/1906.
- 12/07/1906: Designado, por ordem do General Comandante do Distrito, para abrir inquérito quanto a acontecimentos no 19º Batalhão de Infantaria.
- No ano de 1906 é chamado pelo Presidente Afonso Pena que lhe indaga da viabilidade da extensão das linhas telegráficas para os territórios do Acre, Purus e Juruá, e lhe propõe a Comissão.

Recusa ofertas anteriores de Teixeira Soares (para estudar o traçado de prolongamento da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, e de Miguel Calmon du Pin e Almeida, então Ministro da Viação, para a construção do Porto de Corumbá.

- 18/02/1907: Posto à disposição do Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas. 23/02/1907: Desliga-se da Direção de Engenharia para assumir a chefia da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas, sendo nomeado engenheiro-chefe do distrito a 4/03/1907, constituindo-se o 5º Batalhão de Engenharia em núcleo principal da Comissão, para serviços de construção, transporte e vigilância.
- 06/05/1907: Embarca para Corumbá.

[4/10/1908: Período de desorganização completa da Comissão. Sem maiores observações.]

- 1908: Promovido a Tenente Coronel.

[1º de fevereiro de 1909: Telegrafa ao Museu Nacional, juntando seu protesto aos da instituição contra Hermann von Ihering, diretor do Museu Paulista, em sua suposta tese pelo extermínio dos índios.]

- 23/02/1909: Passa a acumular, a partir de telegrama do General Guatemosin, as funções de Chefe da Comissão e Comandante do 5º Batalhão de Engenharia.
- Com o falecimento do Presidente Afonso Pena, o novo ministro da Viação, J.J. Seabra propõe a dissolução da “Comissão Rondon”, medida à qual o Marechal Hermes da Fonseca ^(*), e que o Presidente não sancionou.
- [6/02/1910: Retorna ao Rio de Janeiro, enfermo.]
- 2/03/1910: Carta a Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda, Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, convidando-o para "fomentar e dirigir a catequese que o Governo da República deliberou empreender." (p. 345)
Respondida por carta de Rondon, datada de 14/03/1910, em que dá os pontos de seu "programa" para estruturação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, criado pelo Decreto nº 8072, de 20/06/1910.

^(*)Na biografia há um erro (p. 287): diz-se que Hermes da Fonseca era o Presidente o que só viria a ser posteriormente. Ou há uma transposição de tempos, ou trocou-se o nome de Hermes pelo de Nilo Peçanha.

- 1911: Em viagem à região dos conflitos entre trabalhadores da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e índios Kaingang, prepara os planos da pacificação, que posteriormente seria levada a cabo.
- Retorna aos trabalhos da "Comissão Rondon" [ficando um "diretor interino" em seu lugar no SPILTN].
- 1912: Promovido a Coronel.

[20/09/1912: Chamado ao Rio de Janeiro pelo Ministro da Viação, retornando a 28/01/1913 para o Mato Grosso.]

- 4/10/1913: Recebe telegramas dos Ministros da Guerra, Viação e Exterior sobre sua escolha para organizar a comissão que deveria acompanhar o ex-presidente americano Theodor Roosevelt em expedição à hinterlândia brasileira, com o objetivo de recolher exemplares da fauna e de estudá-la para o *American Museum of Natural History* de Nova York. Era também intenção do governo brasileiro registrar a expedição conferindo o nome de Roosevelt a algum acidente geográfico, o que foi feito com a denominação do Rio Roosevelt. [A "Comissão Roosevelt-Rondon" foi objeto de um livro de Theodor Roosevelt intitulado Through the Brazilian Wilderness, e de conferências do mesmo em sociedades geográficas européias e americanas.]

[1914: A família Rondon, à exceção do próprio, transfere-se para a Europa.]

- 1915: Concluída a linha telegráfica, preparou-se para entregá-la quando o Ministro da Viação lhe diz que não possuía nem pessoal nem recursos para mantê-la. Continuando sob a jurisdição do Exército, Rondon passa a fiscalizá-la.

- 1918: Encarrega-se de concluir levantamento para a conclusão da Carta do Mato Grosso.
- 20/06/1919: Por decreto deste dia é nomeado Diretor de Engenharia do Ministério da Guerra, sob a administração de João Pandiá Calógeras. [Suponho, pela colocação de uma foto, sublegendada "General de Brigada" que tenha havido uma promoção, o que o *Curriculum* montado por D. Ribeiro - veja o nº 13 no Apêndice I – confirma.] Assume a condução de um plano de construções para o aparelhamento do Exército planejado pelo Ministro.
- 30/09/1921: Designado para servir à Missão Militar Francesa, a chegar em outubro do mesmo ano, tendo recebido instruções especiais sobre tudo que então cogitara a Escola de Estado Maior como o essencial para formar generais, por indicação do General Gamelin, chefe da Missão.
- 1922: Participa, comandando uma grande unidade, da primeira manobra de tropa com a participação de unidades de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Aviação, comandada pelo General Gamelin.
- Outubro de 1921: Convidado, pelo Senador Raul Soares, para arbitrar a autenticidade ou falsidade das cartas imputadas a Arthur Bernardes, candidato à presidência, na qual se fazem referências desairosas ao Exército. Recusa, excusando-se sob os princípios doutrinários e pessoais, que o afastavam total e completamente de tudo que fosse a “política democrática”.
- 1922: Recusa-se a participar do golpe visando impedir a subida de Arthur Bernardes ao poder, para o qual é convidado pelo Capitão Manuel Rabello ("meu companheiro, meu amigo, meu irmão de crenças "), que sob suas ordens serviu na "Comissão Rondon", e por Borges de Medeiros, então governador do Rio Grande do Sul.

Forte oposição contra C.M.S.R. é suscitada por matérias do "Correio da Manhã", e do Boletim do Exército, de 15/07/1922, em que Rondon é publicamente apontado como tendo recebido um voto de louvor da Câmara dos Deputados por ter-se colocado pró-autoridades constituídas.

- Outubro/1922: Além de inspecionar as Linhas Telegráficas, estendendo-as para sul, no Mato Grosso, foi designado para inspecionar as obras da seca no Nordeste, juntamente com o Deputado Ildefonso Simões Lopes e o Dr. Paulo Moraes e Barros, sendo ele o chefe.

[1923/24: Continuidade das obras de Engenharia Militar e das Linhas Telegráficas.]

- 1923: Promovido a General de Divisão.
- 25 de setembro de 1924: Designado para reprimir os rebeldes que, vencida a revolução de São Paulo, tinham passado sob o comando de Isidoro Dias Lopes, para os estados de Paraná e Santa Catarina.
- 12 de junho de 1925: Extingue este comando, retornando ao Rio de Janeiro em 15/06/1925.
- Retorna à inspeção de Linhas Telegráficas ao mesmo tempo que é "designado para comissões diversas, como representar o Exército nas festas da Independência do Uruguai, e também no 8º Congresso de Geografia, no Espírito Santo". (p. 500)
- Toma parte em manobras do Exército; trata de questões relativas à prorrogação do contrato da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil; defende os interesses da Estrada do Norte de Mato Grosso; fornece ao embaixador Montagna, da Itália, informações sobre o Guaporé; participa da

inauguração do monumento a Benjamin Constant custeado pelo Apostolado Positivista. (500/501)

- 15/01/1927: Por ofício do General Chefe do Departamento do Pessoal da Guerra é comunicado que o Ministro o designara para "proceder a minuciosa inspeção das fronteiras do país, para estudar as condições de seu povoamento e segurança", acumulando com a inspeção de linhas.
- 1927-1930/34: 1927/28: Fronteiras com a Guiana Francesa, Guiana Inglesa e sul da Venezuela ("Primeira Campanha").
- 28/07/1928: Parte para a inspeção nas fronteiras com a Guiana Holandesa, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia ("2ª Campanha"), retornando a 6/03/29 ao Rio de Janeiro.
Incorpora ao acervo da Inspeção de Fronteiras o da antiga Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas.
- 26/09/1929: Parte para a inspeção das fronteiras (Venezuela, Colômbia, Bolívia) e Sul (Paraguai, Argentina e Uruguai), que chama de "Terceira Campanha", passando pelo interior do Brasil até chegar a Manaus, de forma a inspecionar a Fundação Ford (Fordândia?) , a pedido do Ministro, e visitando as unidades do SPI por onde passou.
- A Revolução de 1930 se dá quando está retornando da fronteira com a Argentina e seguindo para o Rio Grande do Sul.
- Preso, é convidado a participar por Oswaldo Aranha, e mais uma vez por seus correligionários (Capitão Lima Figueiredo, seu Ajudante) , que são simpatizantes da Revolução. [Não há datas precisas.]
- Em função de críticas do Tte, Juarez Távora expendidas em entrevista "aos jornalistas que lhe emprestaram conceitos sobre meus [seus] longos anos

de serviço à Pátria", na qual é chamado de "dilapidador dos cofres públicos, a distribuir pelo sertão bruto linhas telegráficas aos índios, para lhes servir de brinquedo", e clamando para que fosse colocado na cadeia, pede reforma a Getúlio Vargas quando este assumiu a chefia do Governo Provisório^(*).

- Em 7 de novembro de 1930 é posto em liberdade, pedindo sua demissão, a 22 de novembro, do cargo de Inspetor de Fronteiras, não aceita pelo Ministro da Guerra, General Leite de Castro.
- Chegando ao Rio de Janeiro, propõe a Vargas entregar os dados colhidos nas inspeções realizadas para que outros realizassem o relatório, o que lhe é dito, em termos elogiosos, ser necessariamente de sua alçada.
- 25/11/1930: Em encontros com o Diretor dos Telégrafos ficou sabendo que o Ministro da Viação ordenara a suspensão dos serviços da Comissão de Linhas Telegráficas, nomeando uma Comissão para receber o acervo do 3º Distrito Telegráfico.
- 1930-34: Trabalha nos relatórios sobre as fronteiras.
- 1934-38: Comissão Mista Peru, Colômbia e Brasil para a resolução dos conflitos entre os dois primeiros países na região de Letícia.
- 27/12/1939: Assume a Presidência do Conselho Nacional de Proteção aos Índios.

^(*)Consta das páginas 578/579, Carta datada de 1956, do então General Juarez Távora, e endereçada (e também em resposta) a Esther de Viveiros, na qual narra-se a versão de Távora do que considera distorções da imprensa. Note-se, porém, que Távora estava entre os "rebeldes" enfrentados por Rondon em 1924/25, embora Rondon o apresente sob referências elogiosas (Cf. p. 496).

- 1948: Constrói, às suas expensas, a Escola Santa Claudina, em homenagem à sua mãe, no povoado do Mimoso, para a educação elementar e agrícola.
- S/data: Conseguiu que o governo criasse a Escola Rural José Mariano, no local onde seu pai nasceu.

[1955: A Câmara dos Deputados e o Senado Federal, em sessão conjunta, conferem-lhe a patente de Marechal do Exército Brasileiro.]

3.3 Trajetória Espacial:

Mimoso → Cuiabá → Rio de Janeiro → Mato Grosso (Linhas Telegráficas) → Rio de Janeiro → Cuiabá [Araguaia] → Rio de Janeiro → Mato Grosso → [Região Cuiabá-Corumbá] → mato Grosso-Amazonas → Rio de Janeiro → São Paulo → Rio de Janeiro → Nordeste → Paraná-Santa Catarina → Rio de Janeiro (Pará, Amazonas, Roraima, Acre, Rondônia, Mato Grosso, São Paulo, Goiás) → Letícia (Colômbia, Peru) → Rio de Janeiro.

4. Posições no Campo Intelectual:

- Revista Família Acadêmica, juntamente com Lauro Müller, Euclides da Cunha, Moreira Guimarães, Gomes de Castro (1886).
- 1890: Nomeado Lente Substituto da Escola Militar, assumindo o cargo em 1891, e até 1892.

1898: Ingressa no Apostolado Positivista do Brasil.

Formas de Atuação: Conferências (para a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, para o Clube de Engenharia [p. 352-3]).

Coleções: Coleções da Comissão Rondon, em etnografia, botânica, zoologia, geologia para o Museu Nacional. Coleções de Borboletas, composta, a partir do acervo que entregara ao Museu Nacional, para a Rainha da Bélgica.

[De um abundante levantamento de nomes citados ao longo da bibliografia faz-se necessário distinguir aqueles que parecem estar presentes por um resgate das "dívidas" do ator com a população matogrossense: são nomes como de "coronéis" e famílias do interior que deram suporte e acolhida à Comissão. Há, também, a citação da parentela de Rondon, que se envolveu significativamente com a construção das linhas telegráficas, alguns participando de expedições, ou dos trabalhos logísticos a elas necessários.]
Dentre os "companheiros" das comissões telegráficas figuram em torno de 36 nomes que prefiro não colocar aqui, por dúvidas sobre sua pertinência aos objetivos desta ficha - concebida, sobretudo, para produtores intelectuais e por certo receio de inflá-la desmesuradamente.

Coloco apenas os que se inserem dentro das categorias discriminadas pela ficha.

Há, ainda, toda uma população de indivíduos com quem C.M.S.R. se relacionou, como políticos, presidentes da República etc. [De forma geral, parece-me que Rondon se vinculou a certas famílias que acabariam por formar uma rede articulada - talvez - em torno do positivismo. Este é o caso de Benjamin Constant Botelho de Magalhães, cujo sobrinho, Amilcar Armando Botelho de Magalhães, viria a participar da Comissão; dos Horta Barbosa, que se engajariam também no SPILT; do amigo Lafayette Rodrigues Pereira, cujo filho Renato Barbosa Rodrigues Pereira constituiu-se em um dos nomes mais citados ao longo da biografia. Ou ainda, dos Amarante, relacionados ao Cel. Manoel Cursino do Amarante, professor de C.M.S.R. na Escola, que viriam a ser genros de Rondon. Emanuel, ao menos, foi participante ativo da Comissão, tendo morrido em serviço, já na década de 20.]

Companheiro de "república" (R. Duque de Saxe, em São Cristóvão): Fileto Pires, Ovídio Abranches, Astínfilo de Moura.

Outros amigos da Escola Militar: Alexandre Vieira Leal e Antonio Vieira Leal, Serejo, Tasso Fragoso.

Referido como amigo: Lafayette Rodrigues Pereira.

Mestres designados: Benjamin Constant e Major Antonio Ernesto Gomes Carneiro.

Rondon não freqüentava bares, restaurantes, ou academias - pelo menos nesta biografia de Viveiros -, no máximo se relacionando com a família Xavier, de quem seus amigos os irmãos Leal e Ovídio Abranches freqüentavam a casa e os "saraus".

5. Apadrinhamento:

- Nega-se a receber uma carta de recomendação do Dr. Malhado, professor de Pedagogia da Escola Normal de Cuiabá, para o Exército (1881).
- Autor: Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Data: 1890.
Relação anterior com o autor: Discípulo (aluno e seguidor). [p. 55: "Os dois discípulos em quem mais confiava - os dois discípulos amados - Tasso Fragoso e eu".]
Cargo ao qual foi indicado: Lente substituto da Escola Militar.
- Autor: Major Antonio Ernesto Gomes Carneiro.
Data da indicação: 1892.
Relação anterior com o autor: Fora seu comandado no cargo de Ajudante, na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia, [Rondon considerava Gomes Carneiro seu outro Mestre - junto com

Benjamin Constant -, mais especificamente aquele com quem aprendera a se interessar pelos índios e a respeitar-lhes o território quando em comissão.]

Cargo ao qual foi indicado: Chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia (para sua reconstrução) e da Estrada Estratégica, conseqüentemente chefe do 16º Distrito Telegráfico de Mato Grosso.

- Autor: Tasso Fragoso.

Data da indicação: 1920.

Relação anterior com o autor: Amigo; colega de Escola Militar; condiscípulo de Benjamin Constant.

Cargo ao qual foi indicado: [Não se trata exatamente de um cargo, mas de uma honraria e de uma forma de consagração] Para apresentar sua "obra" de "civilização dos sertões" ao Rei Alberto I da Bélgica, o que lhe valeria a Comenda da Ordem *La Couronne* da Bélgica. [Fragoso era oficial do Exército posto como assistente do Rei.]

- Autor: General Gamelin [Chefe da Missão Militar Francesa].

Data: 1921.

Relação anterior com o autor: Designado para servir à Missão Militar.

Cargo para o qual foi indicado: [Não se trata, também aqui, de um cargo, mas de uma distinção importante dentro do contexto] Recebe, de um instrutor especial, os conhecimentos "julgados essenciais pelos novos cursos adotados no Exército para preparar futuros generais".

[Não foi propriamente uma recomendação ou indicação, mas registro que o Ministro do Exterior, Mello Franco, colocou o nome de C.M.S.R. em lista enviada a Getúlio Vargas, da qual deveria ser tirado o nome do chefe da Comissão Mista Peru, Colômbia e Brasil.

Note-se, ainda, que dentro do texto nunca o personagem surge como pedindo favores ou indicações para si.]

6. Concurso:

[Não há referências aos exames para o Colégio Pedro II e na Escola Militar, que faz na condição de aluno.]

7. Produção:

[Embora Rondon tenha publicado, não há no texto da biografia quaisquer referências, além de poucas indicações, de discursos e conferências. Para tanto veja-se o trabalho de Ribeiro referido acima.]

8. Formas de Consagração:

[Referências a homenagens, menções, recepções que abundam livro afora; há uma parte que na íntegra se destina a evidenciar a consagração do biografado em diversas esferas da vida social. p. 629 a 638.]

Observações:

Uma última observação que julgo procedente fazer é que quando faleceu Cândido Rondon achava-se havia longos anos cego de uma das vistas em função de um glaucoma, a outra pouco enxergando.

Referência:

VIVEIROS, Esther de. Rondon conta sua vida. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1958. 638 p. il.